

ZERO

ANO XXVIII, NÚMERO 7 - CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - FLORIANÓPOLIS, DEZEMBRO DE 2010

Aterro gera polêmica ambiental

Indícios de poluição hídrica na Reserva do Arvoredo provocam suspeitas sobre o tratamento do lixo

Impasses sobre a regulamentação e tratamento do lixo no aterro sanitário de Biguaçu podem ser responsáveis pela contaminação da Reserva Biológica Marinha do Arvoredo. Empreendimento responde a processo na justiça pela operação Dríade da Polícia Federal, deflagrada em 2008, a qual instaurou inquérito para apurar um esquema de quadrilha na concessão de licenças ambientais a grandes estabelecimentos. Entre outras suspeitas, há indícios de manuseio inadequado do lixo hospitalar e da liberação de chorume não tratado no rio Inferninho, que tem foz próxima a Governador Celso Ramos. Estudo de Impacto Ambiental (EIA) realizado por uma consultoria ao resort Quinta dos Ganchos, que será construído próximo ao aterro, indicou poluição hídrica, inclusive a presença de metais pesados em concentração elevada na bacia do Inferninho.

página 9



Wesley Klimpel

Comportamento



Legalização da maconha é defendida por cientistas de peso

Estudo analisa a literatura científica sobre o assunto e conclui, a proibição é mais prejudicial para a sociedade do que o consumo individual. Pela primeira vez, cientistas brasileiros de renome se dizem pró-legalização.

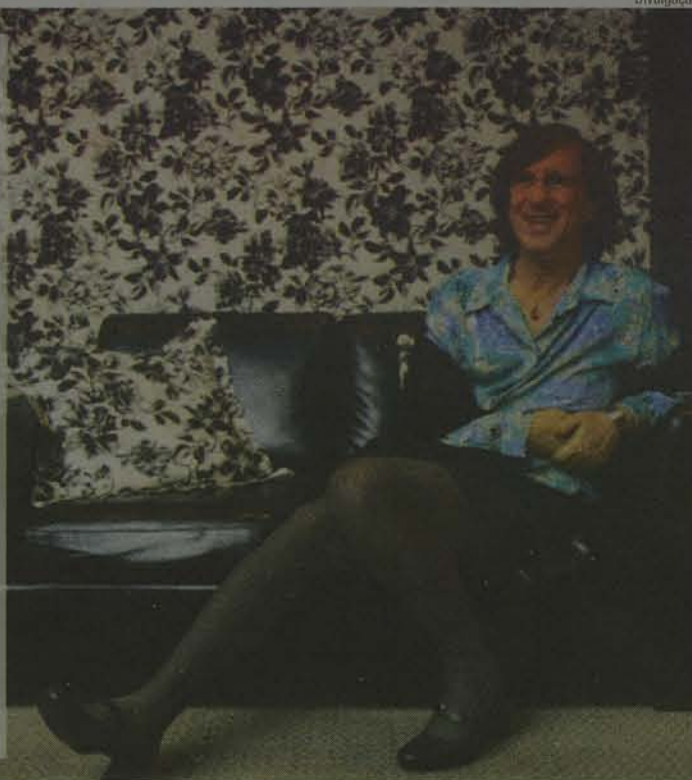
página 17

Comportamento

Crossdress reúne mais de 400 praticantes no Brasil

De vestido comportado, unhas pintadas, cabelo cortado ao estilo Chanel e muita simpatia, o cartunista Laerte Coulinho revela que há dois anos pratica cross-dress, hábito de homens heterossexuais que gostam de se vestir de mulher. A prática de se montar, como é chamada entre os praticantes, é compartilhada por mais de 400 pessoas no Brasil, reunidas em torno do Brazilian Cross-dress Club.

página 16



Divulgação

Retrospectiva

A Era Lula e o 11 de setembro que mudou o rumo da década

Zero traz uma série de reportagens sobre os anos do governo Lula e uma análise das consequências da queda das torres gêmeas em NY.

páginas de 3 a 7

Negócios

Aumento de patentes e registro de marcas exige mudanças na lei

Demora e burocracia prejudicam novos negócios e impedem que o Brasil avance em inovação.

página 13

O UNIVERSITÁRIO e os intercâmbios

Uma forma de incrementar os estudos, o currículo e adquirir independência é fazer um intercâmbio internacional. Foi o que fizeram os estudantes de Jornalismo da UFSC Diego Cardoso e Verônica Lemus. De Santiago, no Chile e de Cádiz, na Espanha, eles viveram a experiência de acompanhar as eleições presidenciais brasileiras de longe, através dos veículos de informação internacionais. Nessa edição, contam como os habitantes do país em que estão morando acompanharam o embate entre tucanos, petistas e verdes e como receberam a escolha de Dilma Rousseff.

Para quem deseja, como os nossos correspondentes, estudar em outros países, a UFSC possui dois tipos de intercâmbio: por convênio - sem bolsa, através de contato direto com a universidade de destino - ou através dos programas com subvenção financeira como Erasmus Mundus, AUGM e Santander. Os interessados devem procurar a secretaria de Relações Institucionais e Internacionais, a Sinter, e escolher uma das instituições conveniadas e agendar o intercâmbio com um semestre de antecedência. Podem participar estudantes que estejam regularmente matriculados na UFSC e que já tiverem completado 40% do curso. A Universidade escolhida ainda pode exigir outros critérios, como conhecimento da língua do país e bom desempenho acadêmico.

ZERO NO TEMPO



Nesta edição de dezembro, a última da primeira década dos anos 2000, o ZERO traz, em algumas de suas pautas, uma retrospectiva de eventos que aconteceram entre 2000 e 2010. Inspirados pela edição de janeiro de 1990, selecionamos dois acontecimentos importantes - o atentado terrorista de 11 de setembro e os oito anos de governo Lula - para lembrar o que representaram na época e porque marcaram a história do Brasil e do mundo.

EDITORIAL

Do lixo às eleições, mas sem Wikileaks

O destino do lixo na capital e a repercussão das eleições presidenciais brasileiras no exterior foram dois dos principais assuntos abordados na última edição de ZERO deste ano, que vem aditivada. São 20 páginas de notícias, mas nenhuma nota sobre o Wikileaks ou a invasão do Morro do Alemão, no Rio de Janeiro. Esses assuntos já amplamente discutidos na imprensa, não precisam passar, necessariamente, por um jornal laboratório, que pode, por definição, romper com o agendamento da imprensa e trazer conteúdo diferenciado ao leitor.

Por isso, em nossas páginas você lerá matérias sobre como estudar para concursos a distância e pela internet, uma crônica reportagem sobre refugiados africanos na Europa e uma matéria sobre a nova moda chamada Crossdressing - homens heteros se vestem de mulher sem, necessariamente, ter relação com homossexualidade. Na editoria Educação,

uma matéria traz orientações sobre as linhas pedagógicas adotadas pelas escolas da capital e, em seguida, outra reportagem mostra como autores contemporâneos revisitam obras literárias consagradas e recriam títulos de Machado de Assis, por exemplo, para lançar "Memórias Desmortas de Brás Cubas".

Já nossa matéria central revela que o florianopolitano produz 466 toneladas de lixo por dia na alta temporada! Onde colocar tudo isso sem prejudicar o meio ambiente? A nossa reportagem visitou o aterro sanitário de Tijuquinhas em Biguaçu, responsável por recolher o lixo de 22 municípios da região e mostra para onde vai parar, como também é relatado o seu processo de armazenamento. Ainda sobre lixo, acompanhe os desdobramentos da operação Driadi da Polícia Federal que levantou suspeitas sobre o licenciamento ambiental e a qualidade dos resíduos despejados pelo aterro sanitário na região.

Na seção Retrospectiva, na véspera de completar dez anos do 11 de setembro, o Zero relembra o atentado e analisa seus desdobramentos. Na mesma editoria, uma série de reportagens traz uma discussão sobre a Era Lula - alguns feitos e a pendências a serem enfrentadas pela sua sucessora. Esta é a primeira edição do ano a contar com colaboração internacional. Nas análises das coberturas da imprensa estrangeira sobre as nossas eleições presidenciais, contamos com a participação de dois alunos do curso em intercâmbio: Diego Cardoso que está no Chile e Verônica Lemos direto da Espanha.

Todas as coberturas dessa edição foram apuradas sem contar com a ajuda de Julian Assange ou qualquer outro hacker que facilite a descoberta de informações secretas. Mas queremos destacar que isso de maneira nenhuma quer dizer que o ZERO seja a favor da sua prisão.

CHARGE



Sobre o ilustrador

André Lucas Paes é estudante da sexta fase do curso de Design Gráfico da Universidade Federal de Santa Catarina. Para entrar em contato com o autor mande e-mail para andrelucaspaes@gmail.com.

Para publicar

Se você é daqueles que quando lê uma notícia logo a imagina numa charge, desenhe para o ZERO e envie para zero@cce.ufsc.br. Sua charge pode ser publicada nesse espaço e fazer parte das próximas edições do jornal.



ZERO

JORNAL LABORATÓRIO ZERO

Ano XXVIII - Nº 5 - Dezembro de 2010
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Fechamento: 13 de dezembro

Curso de Jornalismo - CCE - UFSC - Trindade
Florianópolis - CEP 88040-900
Tel.: (48) 3721-6599 / 3721-9490
Site: www.zero.ufsc.br
E-mail: zero@cce.ufsc.br

REDAÇÃO Alex Sobral, Barbara Dias Lino, Berenice Rocha, Camilla Raposo, Cláudia Mebs, Diego Cardoso, Diego Vieta, Flora Pereira, Hermano Buss, Rosielle Machado, Suellen Ramos, Thiago Verney, Tomás Petersen, Verônica Lemus, Wesley Klimpel **EDIÇÃO** Alex Sobral, Berenice Rocha, Camilla Raposo, Cláudia Mebs, Daniela Bidone, Diego Vieira, Flora Pereira, Hermano Buss, Luiza Lessa, Rosielle Machado, Suellen Ramos, Thiago Verney, Tiago Pereira, Wesley Klimpel **FOTOGRAFIA** Camilla Raposo, Rosielle Machado, Renan Quaresma, Suellen Ramos, Wesley Klimpel **EDITORIAÇÃO** Alex Sobral, Camilla Raposo, Diego Vieira, Flora Pereira, Hermano Buss, Luiza Lessa, Mariana Porto, Rosielle Machado, Suellen Ramos, Thiago Verney, Tomás Petersen, Wesley Klimpel **INFOGRAFIA** Alex Sobral, Flora Pereira, Suellen Ramos, Tais Massaro **PROFESSOR-COORDENADOR** Jorge Kanehide Ijuim MTb/SP 14.543 **MONITORIA** Mariana Porto, Luiza Fregapani **IMPRESSÃO** Diário Catarinense **CIRCULAÇÃO** Nacional **TIRAGEM** 5.000 exemplares



Melhor Peça Gráfica I, II, III, IV, V e XI Set Universitário / PUC-RS (1988, 89, 90, 91, 92 e 98)
Melhor Jornal-Laboratório no I Prêmio Foca Sindicato dos Jornalistas de SC 2000
3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil EXPOCOM 1994

O atentado que entrou para a história

Prestes a completar uma década do 11/09, Guerra ao Terror continua e faz aumentar ações terroristas no mundo

Na noite de 11 de setembro de 2001, depois do pior ataque terrorista da história dos Estados Unidos, o presidente George W. Bush fez um pronunciamento à nação afirmando que iria encontrar os responsáveis pelos atentados e puni-los. Nove anos depois do atentado, os americanos iniciaram guerras no Afeganistão e Iraque e ainda não acharam Osama Bin Laden, o principal mentor 11/09. Depois que terroristas lançaram dois aviões contra as Torres Gêmeas e o Pentágono, os Estados Unidos e o mundo nunca mais foram os mesmos.

"Nós não iremos fazer distinção entre os terroristas que cometeram esses ataques e aqueles que os protegem", prometeu o presidente Bush. A promessa foi cumprida menos de um mês depois, com o primeiro bombardeio ao Afeganistão no dia 7 de outubro. Poucos dias após o 11/09, o secretário de Estado, Colin Powell, anunciou que o saudita Osama Bin Laden comandou os atentados.

Escondido nas montanhas afegãs, Bin Laden teria financiado o treinamento e a criação de grupos terroristas como a Al Qaeda, do qual é líder. Logo, o governo americano iniciou negociações com o Talibã, grupo radical islâmico sunita que dominava o país desde 1996. Houve grande pressão internacional para que os Talibãs entregassem Osama e evitassem uma guerra. Com a recusa da milícia de entregar o chefe da Al Qaeda, os Estados Unidos atacaram o Afeganistão com o aval do Conselho de Segurança da ONU e o apoio da Aliança do Norte, grupo formado por diversas etnias que disputava o poder com o Talibã. Logo, o regime fundamentalista foi derrubado, e a ONU e da Otan ajudam na formação do novo governo.

A tomada de Cabul aumentou os sentimentos antiamericanos no Oriente Médio. O clima de instabilidade política e social somente aumentou no Afeganistão. De acordo com o Antonio Elíbio, professor do curso de Relações Internacionais da UFSC e doutor em História pela Unicamp, "os EUA, com uma política agressiva e quase sempre desastrosa, têm uma capacidade infinita de mobilizar antipatias; foi assim no Vietnã e está sendo assim no Oriente Médio".

O exemplo mais claro do resultado desta política é o aumento mundial no número de ataques terroristas nos anos que se seguiram as guerras do Afeganistão e do Iraque. De acordo com dados do relatório sobre terrorismo feito pelo governo americano, o número de atentados alcançou seu pico em 2006 e 2007, quando ocorreram cerca de 14.500 incidentes. O aumento é explicado pela mudança nos critérios para definir o que seria um atentado

No Afeganistão, 2010 foi o ano mais violento em nove anos de ocupação dos EUA

nem nos países europeus. A possibilidade de novos ataques comandados pelo ditador Saddam Hussein foi explorada para conseguirem o apoio da população. Bagdá foi ocupada com surpreendente facilidade e Saddam Hussein foi capturado meses depois, escondido em uma caverna.

Entretanto, o que era para ser uma guerra rápida e sem maiores conse-



O atentado às Torres Gêmeas, em Nova Iorque, matou 2606 pessoas, todos civis. Para 2013, no lugar do World Trade Center, deve ficar pronta a Freedom Tower, segunda maior torre do mundo

terrorista. Em 2002, segundo relatórios de inteligência americana, aconteceram 205 ataques no mundo todo. O departamento do governo responsável pela estatística é o Centro Nacional de Contraterrorismo, criado em 2004 para implementar ações de inteligência. A agência é um dos resultados da Comissão do 11/09, que investigou e formulou ações para combater o terrorismo.

Iraque

O anúncio da guerra do Iraque aconteceu no dia 29 de janeiro de 2002, quando o presidente Bush usou pela primeira vez o termo "Eixo do Mal", formado pelo Irã, Coreia do Norte e Iraque. Esses países foram acusados de possuírem armas de destruição em massa e de apoiarem terroristas. Em pouco mais de um ano, os EUA atacaram o Iraque com a ajuda do Reino Unido, Espanha, Itália, Polônia e Austrália.

Os bombardeios aconteceram sem o aval da ONU, mas com a suposta alegação da existência de armas de destruição

em massa. A atmosfera de terror gerada pelo 11/09 ainda não se dissipara da América, e

em massa. A atmosfera de terror gerada pelo 11/09 ainda não se dissipara da América, e

em massa. A atmosfera de terror gerada pelo 11/09 ainda não se dissipara da América, e

quências, se transformou numa dor de cabeça para os americanos e seus aliados. As tais armas de destruição em massa nunca foram encontradas e, posteriormente, foi comprovado que não existiam. O desgaste interno provocado pela "guerra ao terror" fez com que o povo dos EUA exigisse a retirada das tropas.

Depois de ataques violentos de rebeldes e grupos extremistas como a Al Qaeda, e a morte de 4.419 soldados americanos, o presidente Obama oficializou a retirada das tropas americanas do Iraque. A ação não foi bem vista pelas lideranças iraquianas, que temem não conseguir estabilizar o país sem a ajuda dos EUA e da Otan.

Se a situação do Iraque parece estar resolvida, a do Afeganistão ainda é incerta. As milícias talibãs não param de recrutar novos soldados, e houve aumento no número de atentados terroristas no país. O ano de 2010 foi o mais violento nesses nove anos de ocupação. Obama anunciou o início da retirada das tropas do Afeganistão para julho de 2011, motivo de controvérsia, pois líderes iraquianos consideram a saída prematura.

Segurança Máxima

Para Antônio Elíbio, o tema "segurança" ganhou uma dimensão global e tornou-se agenda prioritária de muitos governos. A obtenção de vistos passou a ser mais rigorosa, assim como as medidas de segurança nos aeroportos. Todos os passageiros para voos nos Estados Unidos têm seus dados analisados a fim de encontrar possíveis terroristas.

Em março de 2002, o governo americano criou um sistema de alerta para

ataques terroristas baseado em cores. O Sistema de Alerta de Segurança Interno mede a possibilidade de acontecer um atentado. A cor vermelha é o nível mais alto: "sério risco de ataque terrorista". O nível mais baixo é o verde. Os EUA sempre estão nos níveis amarelo (significativo) e laranja (risco elevado). No atual governo Obama, o departamento de segurança interna anunciou que irá substituir o sistema de cores por outro mais eficaz, que não deixe a população num constante estado de medo.

Outra medida adotada foi a limitação de itens na bagagem de mão em voos internacionais. Hoje, itens como cremes e remédios só podem ser levados em pequena quantidade. Em agosto de 2006, a polícia britânica prendeu terroristas que planejavam explodir aviões com destino ao EUA usando explosivos na forma líquida.

Mas a decisão que mais cerceou a liberdade dos americanos foi o Patriot Act, instrumento legal aprovado pelo congresso em outubro de 2001 para ajudar na investigação e prevenção de atos terroristas. Os investigadores ganham amplo poder para interceptar ligações sem autorização judicial, espionar e interrogar cidadãos que sejam suspeitos e deter estrangeiros por até uma semana sem acusação formal.

Vergonha Americana

A intenção de prevenir ataques terroristas nos Estados Unidos e na Europa, porém, acabou resultando em ações condenadas pela opinião pública. Durante o período que se seguiu ao 11/09, agentes da CIA fizeram voos e prisões secretas na Europa com a ajuda das vistas grossas dos governantes europeus. O

presidente Bush admitiu a existência de prisões secretas no exterior para suspeitos de terrorismo, o que contraria as leis internacionais de direitos humanos.

Muitos desses suspeitos foram enviados à base de Guantánamo, em Cuba. O campo de detenção abriga um dos responsáveis pelos ataques de 11/09, mas também muitos prisioneiros que foram confinados sem direito a julgamento ou provas concretas. Os presos também foram torturados durante os interrogatórios e maltratados.

O presidente Obama anunciou durante sua campanha à Casa Branca que iria fechar a prisão de Guantánamo, porém até agora não obteve sucesso. Os republicanos argumentam que o fechamento poderia libertar presos perigosos.

A principal violação dos direitos humanos cometida pelos Estados Unidos foi o abuso de prisioneiro na prisão Abu Ghraib, no Iraque. Os próprios soldados americanos e britânicos tiraram fotos dos iraquianos humilhados e torturados por eles: jovens sorridentes ao lado de homens nus encapuzados e algemados.

O professor Antônio Elíbio avalia que, mesmo com a repercussão negativa e o desgaste da "Guerra ao Terror", os Estados Unidos ainda são a única superpotência hegemônica. E se acontecer um novo ataque terrorista em solo americano? "Os EUA sempre responderão qualquer ataque ou violação ao seu território da forma militar. Não há outra alternativa devido ao seu poder bélico".

Berenice dos Santos

berenicedossantos@yahoo.com.br

Distribuição de renda marcou 'era Lula'

País registrou mais de 14 milhões de novos empregos e a inclusão de 31 milhões de pessoas na classe média

Aray Aparecida Barcelos é mãe de quatro filhos, dois menores de idade, e recebe há três anos o Bolsa Família, programa de assistência financeira do Governo Federal. Segundo a dona de casa, o auxílio melhorou muito a vida dos filhos. "Com o dinheiro eu compro umas roupas melhorzinhas para eles, material escolar e alguma coisinha de alimentação". Aray tem dois filhos matriculados na escola, de 11 e 14 anos, e recebe do governo federal R\$112 por mês. O valor pode ser baixo para alguns brasileiros, mas faz muita diferença na renda de Aray, mãe viúva e desempregada. Para os gastos do mês, a dona de casa conta apenas com a ajuda do filho mais velho, único com emprego fixo na família. "Meu menino ganha um salário mínimo e paga as contas de luz, telefone e ajuda nas outras despesas. Eu ganho R\$200, quando consigo algumas faxinas."

O valor pago pelo Bolsa Família varia de R\$22 a R\$200, de acordo com o número de crianças matriculadas na escola e com a renda familiar, que não pode passar de R\$140 por pessoa. "Meus filhos precisam ter 85% de presença, senão o governo corta o cartão naquele mês. Isso até já aconteceu com a gente." O programa dá prioridade às famílias com situação financeira mais crítica.

De acordo com relatório da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2009, o Bolsa Família atende 12,6 milhões de famílias brasileiras, número três vezes maior que em 2003, e reduziu em 27,3% a extrema pobreza

no país, desde que foi implantado pelo governo do PT. O programa social é resultado da unificação do Bolsa Escola, Gás, Alimentação e Cartão Alimentação, criados pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Outra

iniciativa do governo de Lula foi o Fome Zero, lançado em 2003, que recebe doações de órgãos governamentais ou não, além de mercadorias apreendidas nas operações da Receita Federal. O Bolsa Família e outros programas sociais implantados pelo governo de Lula foram essenciais para o crescimento econômico brasileiro, de acordo com o professor do Departamento de Ciências Econômicas da UFSC Wagner Leal Arienti. "O presidente foi criativo e direcionou os gastos do país para a população de renda mais baixa, impulsionando o consumo, e isso teve um efeito multiplicador." Mesmo com a limitação da política quantitativa fiscal e monetária, o presidente conseguiu fazer uma política qualitativa. Arienti diz que, apesar de Lula ter sido conservador na macroeconomia, para segurar a inflação, as pequenas inovações nos programas sociais tiveram um efeito muito positivo. "Nós, economistas, achávamos que o Bolsa Família, por exemplo, era muito assistencialista, mas ele teve grande impacto econômico, sustentou o consumo interno e ajudou a segurar o crescimento da economia brasileira".

Os números do crescimento

Com mais de 14 milhões de empregos gerados e 31 milhões de pessoas a mais na classe média, as expectativas do PT são de que o Brasil se torne a 5ª economia mundial a

médio prazo. O economista Wagner Arienti diz que é importante que o governo, agora com Dilma Rousseff, continue com a política de distribuição de renda no Brasil, através de programas sociais e facilitação de crédito.

"Essas pessoas têm que ser inseridas no mercado consumidor, porque isso também é cidadania, e deve ser feito nos próximos 30, 50 anos". De acordo com o PNAD, no final de 2009, o total de crêdi-



Há três anos, a dona de casa Aray Aparecida Barcelos recebe, dia 24 de cada mês, R\$112 do programa Bolsa Família

tos no país representou 45% do Produto Interno Bruto (PIB). Segundo Arienti, agora o Brasil precisa se tornar mais competitivo no mercado internacional, diversificando suas exportações.

Em 2008, o Brasil exportou a soma de US\$197,9 bilhões e o superávit nos oito anos do governo de Lula atingiu US\$ 255,6 bilhões, valor que indica o quanto o Brasil vendeu a mais do que comprou. Até o fim deste ano, o PIB deve crescer à taxa de 6,5%, de acordo com o Ministério da Fazenda. Segundo Arienti, apesar de ter aumentado suas exportações, é importante que o Brasil diversifique seus produtos e venda bens industrializados. "Quanto mais a gente

inovar, mais compradores teremos. Temos que vender produto bom, diferente e competitivo, como a China, que vende desde guarda-chuva até produtos de mais alta tecnologia". As exportações brasileiras são baseadas em Commodities, como o minério de ferro por exemplo, o que traz certa insegurança para o país. Segundo Arienti, "quando a economia mundial vai bem, o preço desses produtos se eleva, do contrário, ele cai. Além disso, não podemos ficar dependendo das riquezas naturais do Brasil."

A atuação de Lula na política externa brasileira esteve voltada para as relações com a África e Oriente Médio,

o que rendeu US\$ 10,2 e US\$ 8 bilhões, respectivamente, em exportações para esses continentes. Além disso, China, Índia, Rússia e África do Sul, países com os quais o governo fez parcerias, foram destino de 54% das exportações do Brasil.

Para comportar o crescimento da produção brasileira o governo petista lançou, no segundo mandato de Lula, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). De acordo com o PNAD, o investimento anual do programa em infraestrutura foi de R\$75,8 bilhões. "Lula conseguiu tirar nós mais apertados da infraestrutura da época do Fernando Henrique, mas a gente tem sempre que crescer na frente da demanda, por isso a criação do PAC", explica Wagner Arienti.

Na educação, Lula quase dobrou o número de vagas no ensino superior, de 113 mil para 222 mil, e criou mais instituições. Em 2001, o Brasil

tinha 43 universidades federais. Hoje, são mais 14 universidades públicas e 117 novos campi. Só o Prouni atende a mais de 700 mil bolsistas, com 70% de bolsas integrais. A grande questão continua sendo a qualidade do ensino, não só nas universidades, como nas escolas. "A universidade tem que melhorar e ser ágil como um leopardo. As crianças na escola têm que aprender a criar o novo. A educação tem que dar um salto qualitativo", conclui o professor de Ciências Econômicas da UFSC, Wagner Leal Arienti.

Suêlen Ramos

suelenramosvieira@gmail.com

"O presidente foi criativo e direcionou os gastos do país para a população de renda mais baixa"

Balanço dos oito anos de governo do PT

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios 2009 (PNAD)
Infográfico: Suêlen Ramos



O valor do salário mínimo em dólar passou de US\$77, até o fim do governo de FHC, para US\$291, depois de oito anos de mandato de Lula



O Bolsa Família beneficiou mais de 12 milhões de famílias



Recursos para geração de emprego e renda cresceram de R\$6 bi, em 2002, para R\$35 bi, em 2009



O Brasil construiu uma reserva cambial de US\$253 bilhões, algo nunca antes conseguido



O coeficiente de desigualdade de renda baixou de 0,583 em 2002 para 0,544 em 2008



Mais de 14 milhões de empregos gerados. Cerca de 15 milhões até o final deste ano



Dívida externa liquidada



Mais de 20 milhões de pessoas saíram da miséria extrema e 31 milhões foram para classe média



Taxa média de crescimento nos oito anos de Lula foi de 3,9%, 70% maior que a do governo anterior

ZERO

Arrumar a casa e pintar a fachada

Dilma Rousseff tem a missão de moralizar a política brasileira e consertar as trapalhadas da política externa

Além da euforia econômica e da popularidade do governo, Dilma Rousseff também recebeu como legado de seu antecessor duas tarefas ingratas: “limpar a casa”, ou seja, moralizar a política do Brasil, marcada por escândalos envolvendo, inclusive, figuras próximas à presidência. Também terá que recuperar o prestígio da diplomacia, que nesses oito anos se perdeu entre os interesses do Partido dos Trabalhadores e do País.

Mensalão. Esse nome, que já faz parte do vocabulário popular como sinônimo de corrupção, representa a maior crise política do governo Lula, ocorrida em 2005, e classificada pelo colunista Reinaldo Azevedo, da revista *Veja* como “a maior agressão sofrida pela República desde que existe”. Exageros e críticas a parte, o escândalo resultou em denúncia oficial de 40 suspeitos, entre parlamentares, ex-ministros e empresários. O julgamento no Supremo Tribunal Federal (STF) contra os 38 réus está marcado para o final de 2011. Lula, que dizia não saber de nada, saiu imune.

O estopim do escândalo surgiu em um vídeo de câmera escondida que foi vazado para a imprensa. Divulgado em 14 de maio de 2005, as imagens mostravam o ex-presidente dos Correios negociando vantagens em licitações com um falso empresário. Quatro dias depois, a *Veja* publicou uma matéria denunciando o então deputado federal Roberto Jefferson (PTB-RJ) como o homem por trás do esquema. Acuado, Jefferson jogou tudo no ventilador, delatando um esquema maior ainda do qual fazia parte: o pagamento de mensalidades para parlamentares da base aliada em troca de votos. As investigações apontaram que os recursos saíram do caixa dois do PT, e sua origem remete ao desenrolar do caso Celso Daniel, ao superfaturamento nas prefeituras do ABC, ao escândalo dos bingos, descoberto em 2004.

As Comissões Parlamentares Mistas de Inquérito (CPI) criadas para apurar o escândalo dos Correios e do Mensalão tornaram-se fenômenos de audiência nos canais de TV da câmara. As pessoas aguardavam pelos depoimentos de Roberto Jefferson: além de performáticos, cada vez apresentavam novos envolvidos no esquema. Até que foi dado o recado ao ministro da Casa-Civil: “Dirceu, se você não sair daí rápido, vai fazer réu um homem inocente, que é o presidente Lula. Sai daí, rápido!”. Dois dias depois o homem denominado por Jefferson de “chefe do mensalão”, pediu a renúncia.

Até dezembro de 2006, um total de 61 autoridades foram derrubadas — muitas ligadas diretamente ao planalto (ver box). No dia 30 de março de 2006 o procurador-geral da República Antonio Fernando Barros e Silva de Souza enviou uma denúncia oficial ao STF contra 40 suspeitos de envolvimento no esquema. Dois deles estão fora: Silvio Pereira, que fez acordo para a retirada de seu nome



Dupla: Celso Amorim e Marco Aurélio Garcia fizeram da diplomacia um instrumento do partido

na ação e José Janene, falecido em setembro de 2010.

Outro braço direito de Lula que se envolveu em uma situação embaraçosa foi Antônio Palocci, ministro da Fazenda do governo até 2006, quando se viu forçado a demitir-se. Protagonizou o caso da quebra de sigilo fiscal do caseiro Francenildo Santos Costa, que denunciou para a CPI dos Bingos a presença de Palocci na mansão do lobby em Brasília, onde pessoas ligadas à prefeitura de Ribeirão Preto negociavam seus interesses. Na tentativa de desmoralizar as denúncias, o ministro teria ordenado ao então presidente da Caixa Econômica Federal, Jorge Mattoso, verificar a conta do caseiro — foram descobertos depósitos acima da normalidade, que vazaram para a revista *Época*. Mas o caseiro conseguiu se explicar e as atenções se voltaram para a quebra do sigilo. A denúncia contra Palocci foi retirada em 2009, pois o STF considerou que apenas o envolvimento de Mattoso.

Diplomacia contraditória

“O Itamaraty já não se orienta por normas morais. Não existem mais diretrizes regidas por princípios éticos”, critica Augusto Nunes, colunista da revista *Veja*. Para ele, ao dar atenção a regimes totalitários como o do Irã, a política externa brasileira deixa de cumprir com um dos preceitos da diplomacia: a defesa dos direitos humanos. Em artigo ao portal *IG*, o doutor em Ciências Sociais e diplomata, Paulo Roberto de Almeida, ilustra a interferência do PT nas decisões do Itamaraty: “Em diversas ocasiões, o próprio presidente manifestou seu apoio político a candidatos de esquerda em eleições na região, o que rompe com a tradição brasileira de não ingerência nos assuntos internos de outros países”. Em sua opinião, os fracassos em conseguir um assento no Conselho de Segu-

rança, em consolidar o Mercosul, nas negociações com a China e a omissão em relação às estatizações na Bolívia podem ser atribuídos às imposições do partido na política externa.

O repórter Larry Rohter, correspondente do *New York Times* no Brasil entre 1999 e 2007 vê mudanças importantes na política externa brasileira com a ascensão do PT. No livro *Deu no New York Times*, lançado em 2007, ele explica que antes a diplomacia do país era tida como “tímida”, mas que passou a mudar a partir da redemocratização, quando se aumentou o diálogo com os países mais desenvolvidos. No governo Lula, ele destaca o conflito entre as posições tradicionais do Itamaraty com as do PT. Culpa o conselheiro do presidente em política externa, Marco Aurélio Garcia, pelas “trapalhadas” da diplomacia. Rohter aponta também a omissão do ministro

Celso Amorim, que preferiu endossar as políticas partidárias ao comandar uma política externa voltada aos interesses do Brasil.

Nos oito anos do governo Lula foram inauguradas mais 62 representações diplomáticas no mundo. O presidente passou 470 dias fora do Brasil — aproximadamente 120 dias a mais do que seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso. Foram ao todo 248 visitas ao exterior em 87 países. Tanto trabalho para poucos resultados: “Numa linguagem coloquial, pode-se dizer que a diplomacia de Lula teve bem mais transpiração do que inspiração, registrando-se a preeminência da forma — o hiperativismo presidencial, feito de incontáveis viagens ao exterior — sobre a substância, ou seja, resultados efetivos da agitação”, avalia Almeida.

Tomás Mayer Petersen
tomaspetersen@gmail.com

Todos os homens do presidente

Entre ministros, assessores e funcionários de partido, confira alguns dos nomes mais próximos do presidente que se envolveram em denúncias que causaram demissões e afastamentos.



Nome: José Dirceu
Cargo: Chefe da Casa-Civil

Era o principal braço-direito de Lula. Na CPI do Mensalão, Roberto Jefferson o acusou de ser o “chefe do mensalão”. Pediu demissão em 16 de junho de 2005.



Nome: Antônio Palocci
Cargo: Ministro da Economia

Suspeito de envolvimento no caso da quebra de sigilo bancário de Francenildo Costa. Foi denunciado ao STF, mas retirado do processo em 2009. Demitiu-se em 27 de março de 2006.



Nome: Silas Rondeau
Cargo: Ministro de Minas e Energia

Indicado por José Sarney ao cargo, é suspeito de ter recebido 100 mil reais da construtora Gautama, em um esquema de fraude em licitações. Sua demissão foi aceita em 22/5/2007.



Nome: Erenice Guerra
Cargo: Chefe da Casa-Civil

Sucedeu Dilma Rousseff em 31 de março de 2010. A imprensa denunciou tráfico de influência e fraudes em contratos comandadas pelo seu filho. Caiu em 16 de setembro.

FALTOU ESPAÇO

Esse singelo box não foi suficiente para emoldurar todas as fotos dos políticos acusados de envolvimento em escândalos e fraudes que se afastaram do governo. Talvez você não conheça o rosto de todos, mas saiba que:

José Genoíno presidente do PT, demitiu-se do cargo no dia 9 de junho de 2005. Citado no mensalão, o estopim da renúncia foi a prisão do assessor de seu irmão quando embarcava em um avião com 100 mil dólares na cueca.

Silvio Pereira, secretário-geral do PT, chamado por Jefferson de “gerente do mensalão”, afastou-se em 4 de junho de 2005. Um dia depois foi a vez de **Delúbio Soares**, tesoureiro do PT, chamado de “operador do mensalão”.

No ministério, quem caiu foi **Luiz Gushiken**, após denúncias de interferências em fundos de pensão e **Matilde Ribeiro** no escândalo dos cartões corporativos, além de **Romero Jucá**, **Benedita da Silva**, **Walfredo Guia**.



No Chile, admiração e sombras da ditadura

Por Diego Cardoso - Santiago, Chile

Para os chilenos o Brasil é um modelo a ser seguido. É a mídia local reitera constantemente essa visão. É o caso de uma reportagem do jornal *El Mercurio* publicada em 4 de outubro - um dia depois do primeiro turno eleitoral - com o título "Uma nova 'classe média', a chave das eleições". O texto destacou a ascensão da classe C e o sucesso das políticas econômicas e laborais brasileiras, que ajudaram o país a "atravessar sem grandes traumas a crise financeira internacional". No meio da página, um presidente segurando a camisa 10 da Seleção Brasileira olhava para estatísticas e gráficos do IBGE e da Fundação Getúlio Vargas - com o título "Os milagres de Lula" - mostrando o crescimento econômico brasileiro e a redução da pobreza. Uma matéria positiva - quase ufanista - que deixa explícita a admiração dos cidadãos das Cordilheiras pelo país do "fuchibol".

Os "milagres" de Lula mais admirados pela população do Chile são econômicos. E não faltam estatísticas na mídia para "provar" a bonança brasileira. Segundo uma matéria do tablóide *La Tercera*, de 1º de novembro, o Real foi uma das moedas que mais se valorizou no mundo, mesmo com a Crise Financeira. O desemprego chegou ao menor índice registrado - 6,2% - e mais de 30 milhões de brasileiros ingressaram na chamada "classe média". Estes são resultados, segundo reportagem do *Diario Financiero*, de 29 de novembro, do "cumprimento de metas da inflação, do câmbio flutuante e da austeridade fiscal".

Mais do que um sucesso econômico, o Brasil é considerado um representante latino-americano na política internacional. Ao menos é o que indica a pesquisa anual da ONG chilena *Latinobarómetro*, resultado de entrevistas em 18 países latino-americanos publicada em 2 de dezembro. Segundo este relatório, 19% dos entrevistados acreditam que o Brasil é um líder na região, na frente de Estados Unidos e Venezuela (ambos com 9%). Logo na capa, o texto evidencia o *status* verde e amarelo: "O papel do Brasil como potência mundial dá a essa região um lugar distinto no concerto das nações".

Agora é a vez da "amiguinha"

Se havia alguma dúvida sobre a associação feita pelos chilenos entre Lula e Dilma, o tablóide popular *La Cuarta*, de 1º de novembro estampa em uma de suas chamadas de capa: "Amiguinha de Lula foi eleita presidenta do Brasil". Se Lula foi o "camisa 10" do governo brasileiro, sua sucessora Dilma Rousseff deve seguir pelo mesmo caminho. Ao menos é o que os jornais locais indicam. A edição do *El Mercurio* publicada em 1º de novembro, chama a nova mandatária de "dama de ferro da política brasileira". Já no programa de debates *Tolerancia Cero*, exibido pela rede de televisão

Chilevisión, o debatedor e jornalista Matias Del Rio cita a principal diferença entre Rousseff e Lula: "Ela é uma pessoa de pouco carisma".

Um dia após o resultado das eleições o jornal *La Tercera* dedica uma página aos desafios que a futura presidenta deverá enfrentar. Segundo o repórter Fernando Fuentes, mesmo sendo um "modelo" para os gestores chilenos, o Brasil e sua futura mandatária têm três grandes problemas a resolver: a pobreza, o estilo político ("buscar neutralizar o radicalismo do PT e o apetite do PMDB") e a identidade de seu governo. Para os jornais chilenos, Dilma é uma "dama de ferro", sem o carisma de Lula, mas com experiência administrativa. Mesmo assim, o país dos 33 mineiros mais famosos do mundo quer, segundo uma declaração do presidente da comissão de Relações Internacionais do Senado chileno, Hernán Larraín, "voltar a tentar formar uma aliança estratégica com o Brasil".

Porões da ditadura

Mesmo com as várias homenagens (ou o ufanismo) da imprensa, o Brasil também tem alguns pontos negativos difundidos entre a população local. Para a socióloga e escritora Mirian Gallardo, o problema brasileiro está em um passado ignorado. "Os brasileiros não puniram tantos torturadores da época do regime militar nem investigaram tantas mortes como aqui." De acordo com Mirian, alguns brasileiros ligados ao governo militar vieram a Santiago para ensinar métodos de tortura após o golpe encabeçado por Augusto Pinochet, em 1973. "O Brasil foi um modelo também na ditadura, mas nem todo mundo sabe disso".

Se o passado está se perdendo, as punições de torturadores brasileiros também não são exemplo. "No Chile as punições foram muito mais rígidas e efetivas", afirma Gallardo. Um dos exemplos da preocupação com a ditadura está na *Comisión Nacional de la Verdad y de la Reconciliación*: um órgão estatal criado em 1990 para investigar o paradeiro de presos políticos e agressores durante o regime pinochetista. Em 1991 o estado chileno tinha 2260 "casos qualificados de denúncia". Quando se tentou criar a mesma instituição no Brasil em 2010, através do Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH), os dirigentes das forças armadas pressionaram o executivo e a idéia foi abortada. Para a socióloga Miriam Gallardo, o povo brasileiro deve olhar para o passado com a mesma preocupação do presente. "O Brasil é de fato uma potência econômica e política latino-americana, mas está se esquecendo da sua história."

Diego Cardoso é estudante de Jornalismo da UFSC e participa atualmente do programa de intercâmbio *Escala Estudiantil AUGM* (Asociación de Universidades Grupo Montevideo) na *Universidad de Santiago de Chile*.

Brasil é referência em economia e política, mas incomoda chilenos por ignorar o passado

Para espanhóis, Lula é o cara

Principais jornais ibéricos admiram o presidente, mas aguardam com dúvidas e expectativas o mandato de Dilma

Por Verônica Lemus - Madri, Espanha

Mais de 14 milhões de postos de trabalho criados, 30 milhões de pobres incorporados à classe média tendo seu poder de consumo aumentado, número de vagas duplicado em universidades federais, superação de uma crise global com a economia nacional saindo fortalecida. É assim que a Europa, em especial a Espanha, vê o governo do Presidente Lula, é assim que se vê o Brasil.

Ainda que presente na consciência de todos, brasileiros e espanhóis, que nosso país possui muito em que melhorar — pois mesmo elevando a taxa de crescimento aos previstos 7% ainda este ano, os níveis de desigualdade na distribuição de renda preocupam — a Espanha em geral acredita que Lula soube governar muito bem o Brasil. Apresentando bons índices econômicos e sociais, o presidente brasileiro conquistou a fama de um governante eficaz, preocupado com seu povo, decidido a ajudar as massas.

Depois de uma competente condução dos rumos do país durante a crise que afetou, e continua atormentando, os EUA e a Europa, Lula definitivamente caiu nos braços do povo, ainda que esse povo seja o povo europeu. Por aqui, PAC e Bolsa Família são sinônimos de sucesso, resultados de um projeto de governo decidido a retirar o país da lama e lançá-lo como uma (muito próxima) futura superpotência mundial.

O otimismo e a ousadia, segundo os jornais espanhóis, marcaram esses oito anos de governo “com um êxito deslumbrante” (El País). Otimismo e ousadia muito admirados por uma população que aqui ainda vive sob as asas negras do alto índice de desemprego e do crescimento econômico estagnado. O reconhecimento de que Lula soube manejar muito bem o poder que tem em mãos é fácil de notar. Diferente do que acontece na Espanha, o Presidente do Brasil — o chefe de estado —, tem, constitucionalmente, influência fundamental nas três esferas de poder, sobretudo, segundo crença local, no Congresso.

Daí que a admiração toma maiores proporções ao considerarem que apenas um governante — um só homem — foi capaz de dizer não ao lado mais radical do seu próprio partido nos momentos em que sua ideologia de esquerda desejava que tomasse atitudes menos liberais na economia ou na política fiscal, ou mesmo no controle dos meios de comunicação. Mas isso sem se esquecer do seu compromisso com o povo, criando programas sociais “igualmente existosos” (El Mundo) contra a fome e a pobreza.

Vivendo ainda os efeitos da crise do euro, a Espanha pode estar sofrendo, talvez, da síndrome “a grama do vizinho é mais verde”. As taxas de desemprego continuam altas, chegan-



Zapatero não esconde seu fascínio pelo presidente do Brasil. Em entrevista ao *El País*, o primeiro ministro declarou: “Lula assombra o mundo”

do aos 20% da população ativa, que corresponde a 4,5 milhões de espanhóis desempregados — porcentagem que já é o dobro da taxa de desemprego em toda a Europa. Isso direciona o país a uma baixa do consumo interno, ocasionando queda de produção, com previsão de que retorne a números negativos, resultando, então, nas altas taxas de desemprego.

Em uma reunião com 30 empresários dirigentes das maiores companhias espanholas, no dia 27 de novembro, em La Moncloa, sede central do Governo em Madrid, José Luis Rodríguez Zapatero, primeiro ministro da Espanha, decidiu acelerar a recuperação econômica por meio da criação de empregos, tendo como consequência a ativação do consumo interno. O Governo quer ajudar as maiores empresas a reconhecer suas dificuldades e a incentivar projetos de fortalecimento, já que estas possuem papel fundamental a desempenhar na superação da crise por deterem “a capacidade de regenerar o tecido produtivo”, segundo Ramón Jáuregui, ministro da Presidência.

Admissível dizer, então, que a Espanha, atravessando esse momento crítico, tenha grande admiração por Lula e pelos seus feitos governamentais. Um Presidente que veio do povo, a frente de um país com todos os seus problemas já conhecidos e nada fáceis de resolver com nossos políticos de má vontade, um homem sozinho reunindo forças, jogo de cintura e poder para tomar atitudes acertadas em meio à crise global. Essa é a imagem que fica de Lula nestas terras além-mar. Aparentemente, nossa grama é mais verde, mais rica e cresce mais rápido.

No entanto, por aqui também não se esquece da velha rixa entre FHC e Lula e se o verdadeiro responsável por toda essa maré de bom crescimento



A dúvida é se Dilma conseguirá equilibrar suas raízes ideológicas com o governo democrático

e fortalecimento econômico brasileiro, passados dois mandatos petistas consecutivos, foi o sociólogo carioca ou o metalúrgico pernambucano. Mas a Espanha já chegou a um consenso: Lula é o cara.

Depois de tanto galanteio, o que falar ou esperar do futuro governo de Dilma? Herdeira lulista recém saída do anonimato, Dilma, através do

Presidente, teve seu nome alardeado internacionalmente, maneira que convém com o tamanho e magnitude de seu novo cargo e a responsabilidade de não decepcionar e desviar-se muito do caminho aberto pelo seu antecessor.

Não desviar-se muito, vejam bem, é o que esperam os comentaristas dos jornais espanhóis. Impossível desconsiderar o fato de que Dilma guarda,

abaixo de sua imagem dura e nada carismática, um passado ainda mais duro e muito menos carismático como ex-guerrilheira vítima de tortura.

Com Serra, que assim como Rousseff, pertence a uma tradição de esquerda social, liberal e progressista, as previsões eram de um governo em que a questão da afiliação partidária não seria tão forte. Também se esperava um mandato de gastos de gestão mais enxutos e com mais projetos de infraestrutura, numa tentativa de tirar o Brasil do atraso que ainda vive com seus portos, aeroportos e estradas de terceiro mundo. Os campos da produção, ciência e tecnologia seriam prioridades. E depois dos escândalos do mensalão em 2005, por aqui se acredita que “quizás” o governo de Serra teria uma menor carga de corrupção (El País).

Agora, o que se espera de Dilma é que saiba equilibrar suas raízes ideológicas, que penderam para o lado mais radical das lutas armadas na época da ditadura, com a democracia brasileira já muito bem consolidada, segundo a crença local. O fato de que, quando duas vezes ministra de Lula, Rousseff tenha se aproximado da parte mais radical de seu partido e tenha sido reconhecidamente contra o então ministro da economia Antonio Palocci — considerando-o excessivamente moderado e neoliberal —, representa uma das grandes dúvidas dos espanhóis a respeito do futuro de seu mandato.

Será Dilma fiel devota do lulismo? Será que a maneira de governar do presidente Lula, que é diferente do petismo, ainda que com certo autoritarismo, personalismo e “uma certa alergia a las reglas democráticas de la distinción de los três poderes” (El País) — ou será que, uma vez na presidência, Rousseff decidirá por mostrar que tem luz e idéias próprias?

Outra dúvida que surge, não somente entre terras ibéricas, mas também entre o povo mais politizado do Brasil, é quais idéias são próprias de Dilma? Por aqui também se acredita que ela só tenha ganhado porque Lula assim o pediu às massas, que respondeu a esse apelo cegamente por desconhecer as sutilezas que diferenciavam, mesmo que num plano teórico, os projetos e idiosincrasias políticas dos então candidatos Dilma Rousseff e José Serra.

As dúvidas permanecem, restando apenas esperar pelo próximo 1º de janeiro em que começará a ser descoberta a direção que tomará Dilma em seu futuro governo. A única certeza que fica, pelo menos por aqui, é a de que Lula foi o cara.

Verônica Lemus é estudante de Jornalismo da UFSC e participa do programa de intercâmbio pelo acordo de cooperação com a Universidad de Cádiz, em Madri, Espanha

Pinus torna-se problema grave na ilha

Estudantes e órgãos públicos tentam pôr fim à invasão que já atingiu cinco áreas de preservação em Florianópolis

“Contando com os pequenos, acho que só eu já arranquei quase uns 500”, gaba-se Cássio Batista enquanto enxuga o suor da testa e apoia o facão no chão. Para os estudantes de Biologia da UFSC que participam da remoção de pinus no Parque das Dunas da Lagoa, derrubar árvores não é necessariamente algo ruim. Os futuros biólogos fazem parte de uma cruzada que pouco a pouco começa a tomar forma em Florianópolis, onde o pinus não tem qualquer função econômica ou ambiental. Pelo contrário: só traz impactos negativos e até já adquiriu a pouco sutil alcunha de “praga”.

A presença da espécie na cidade é reflexo de uma invasão ambiental que começou em 1962, quando 25 árvores norte-americanas foram plantadas experimentalmente no Rio Vermelho. Após o abandono da plantação, o vento se encarregou de espalhar as sementes e, com o passar do tempo, a planta tornou-se parte da paisagem da ilha.

O problema já chegou até à Serra do Tabuleiro, maior unidade de conservação do estado. Segundo a base de dados do Instituto Hórus de Desenvolvimento e Conservação Ambiental, os principais focos em Florianópolis estão no Parque Estadual do Rio Vermelho, no Parque Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, na Estação Ecológica dos Carijós, no Parque Ecológico do Córrego Grande e na Unidade de Conservação Ambiental do Desterro. Fora das áreas de preservação é mais fácil ainda observar a proliferação do pinus - qualquer terreno baldio costuma ter ao menos um ou dois.

Recuperação do habitat

Quarenta e oito anos depois do plantio experimental no Rio Vermelho, a situação só tende a se agravar. “Ao contrário de uma contaminação por petróleo, por exemplo, em que o pro-



Rosielle Machado

Desde o começo do ano, estudantes de Biologia da UFSC removem pinus no Parque da Lagoa

blema é minimizado com o passar do tempo, a invasão biológica só piora”, explica a bióloga do Instituto Hórus Michele Dechoum, que coordena as saídas de campo dos alunos da Biologia. “Se deixarmos o pinus se desenvolver ali na área das dunas, em 30 anos não haverá mais vegetação nativa.”

É por esse motivo que o grupo de

estudantes empenha-se para reverter a situação no parque da Lagoa. Desde o começo do ano já conseguiram eliminar cerca de 1200 árvores adultas, sem contar as menores. O projeto é o único que atua no local para conter a proliferação, que atinge aproximadamente 60% da área do parque.

Zerar esse percentual levará pelo

menos cinco anos. Além de retirar as árvores, é preciso que haja um acompanhamento para impedir a chegada de novas sementes. “É difícil, mas é a nossa meta. Em dois anos a gente talvez consiga limpar essa área inteira, mas o acompanhamento posterior é permanente.”

Além de coordenar projetos como o do Parque das Dunas, o Instituto Hórus também trabalha em cinco outros estados do país, com pesquisa e assessoramento técnico junto a órgãos de governo. Segundo a bióloga do instituto, Florianópolis é a cidade catarinense mais receptiva a programas de controle de espécies invasoras. Uma das razões é a falta de interesse econômico em pinus no município, ainda que a quantidade existente na ilha seja suficiente para alimentar o carregamento de uma empresa de reflorestamento.

É partindo dessa ideia que a Fundação do Meio Ambiente

de Santa Catarina (Fatma) pretende começar a restauração do Parque Estadual do Rio Vermelho, área com 473,4 hectares de pinus - equivalente a 630 campos de futebol. Na opinião da analista técnica em gestão ambiental do parque, Elaine Zuchiwschi, a invasão ambiental pode ser revertida com a implantação do projeto de restauração apresentado pela Fatma em novembro. “Agora estamos em uma fase de diálogo com a comunidade para discutir e fechar a proposta que vai embasar a licitação da empresa que fará a retirada e compra da flora exótica do local”, explica.

O projeto deve levar no mínimo dez anos para apresentar resultados. Depois

que o pinus for eliminado, será feito o plantio de mudas nativas. Para a ideia dar certo, também pretende-se construir outro projeto em conjunto com a prefeitura, a comunidade, a Fundação do Meio Ambiente de Florianópolis (Floram) e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio) para evitar uma nova contaminação, já que o plano de restauração não impedirá a chegada de sementes vindas de outras regiões da ilha.

Fim do problema

Até o momento, o mais próximo de uma solução definitiva para a questão é um projeto de lei que, se aprovado, criará a política municipal de substituição de espécies exóticas por nativas. Em um

prazo de dez anos a cidade estaria livre do problema. Segundo o autor da proposta, vereador Dinho (PSB), a lei poderia também impulsionar o trabalho de projetos paralelos,

como o que hoje é desenvolvido pelo curso de Biologia da UFSC e o Instituto Hórus.

O projeto de lei ainda aguarda o parecer da comissão de meio ambiente da Câmara. A expectativa é que seja votado no primeiro trimestre de 2011 e entre em vigor somente na segunda metade do ano que vem. Enquanto isso, o estudante Cássio Batista continua sua contagem de pinus derrubados. Se prosseguir nesse ritmo, no próximo ano terá eliminado mil árvores em uma área com 3,96 hectares invadidos pela “praga”.

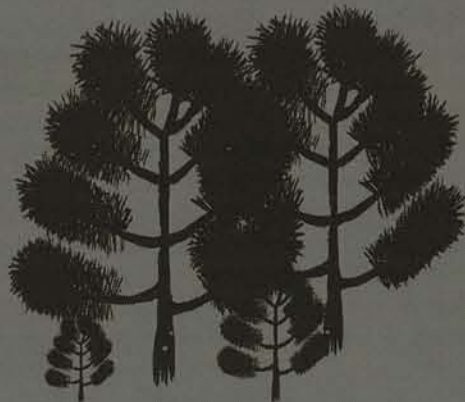
Projeto de lei propõe criação de política de substituição de plantas invasoras por nativas

Rosielle Machado
rosiellemachado@gmail.com

Principais focos de proliferação

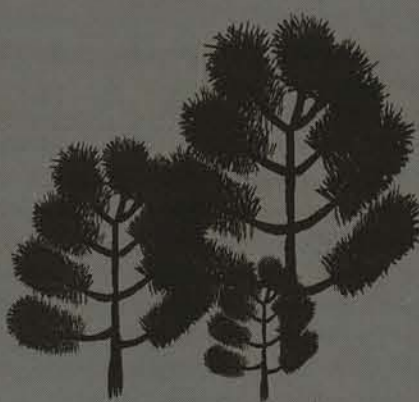
Parque Florestal do Rio Vermelho

Invasão em 473,4 hectares
30% da área do parque



Parque das Dunas da Lagoa

Invasão em 3,96 hectares
60% da área do parque



A ação de invasoras é a segunda maior causa de extinção de espécies no mundo. O fenômeno da invasão biológica ocorre quando plantas exóticas introduzidas em determinada área se adaptam ao novo habitat e tiram o espaço das espécies nativas, promovendo mudanças no ecossistema. O pinus é o maior causador de extinções por invasão. Saiba por que:

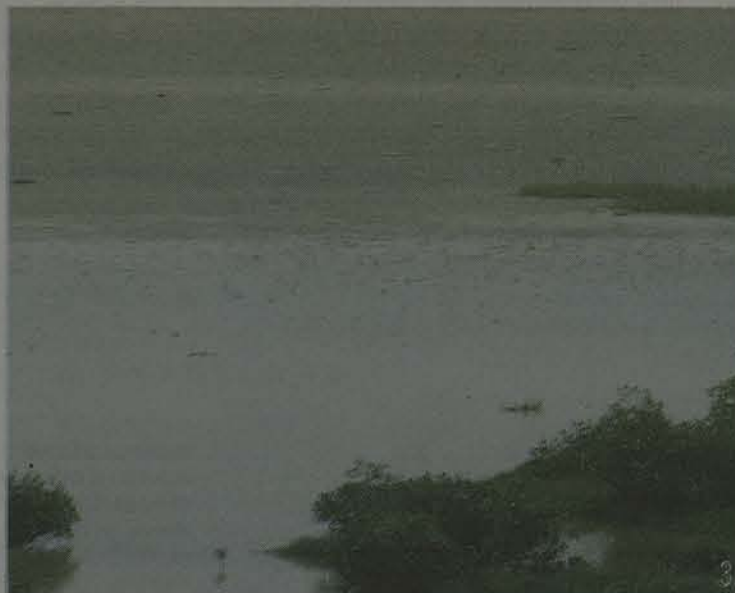
- Natural da América do Norte, adapta-se muito bem no sul do Brasil
- Reproduz-se facilmente e em larga escala; utiliza o vento para dispersar as sementes
- Faz sombra e impede o crescimento da vegetação rasteira
- As acículas que caem no chão impedem que nasçam outras plantas ao redor do pinus
- Tem poucos predadores
- Diminui a disponibilidade de água na terra



Impasses no destino final do lixo

Irregularidades no aterro sanitário de Biguaçu, que recebe o lixo de 22 cidades da Grande Florianópolis, podem ser responsáveis por contaminação da região da Reserva Biológica Marinha do Arvoredo. O empreendimento está sendo investigado por suspeita de ilegalidade em licenças ambientais, de manuseio inadequado do lixo hospitalar, e da

liberação de chorume não tratado no rio Inferninho. Estudo de Impacto Ambiental da região indica a presença de metais pesados e grande concentração de matéria orgânica na foz do rio, onde são cultivados ostras e mariscos. Comunidades do entorno são potenciais vítimas diretas do odor e da poluição sonora e ambiental.



1. Extensão da frente de lixo. A presença de pássaros no local é perigosa por serem considerados vetores de doença.

2. A comunidade Estiva do Inferninho fica a quatro quilômetros do aterro. Habitantes são os mais afetados pela poluição ambiental.

3. Foz do rio Inferninho, onde foi constatada presença de metais pesados e alta concentração de matéria orgânica.

4. Reservatórios onde o chorume é tratado. No detalhe, resíduo transbordando de uma piscina para outra.

5. Lixo hospitalar em local inadequado: o incinerador da autoclave estava em manutenção e os resíduos não se encontravam em local refrigerado.



ZERO

Aterro sanitário de Biguaçu é suspeito de provocar poluição ambiental

Comunidades próximas ao empreendimento são as principais vítimas da possível intoxicação da região. Uma está empestada pelo mau cheiro, na outra, a um quilômetro de suas fazendas marinhas, deságua o rio onde é despejado o chorume.

Pele amarelada, alça da blusa caída e voz rouca, Edilza já está no meio do caminho de volta para casa. Mas, decide virar-se e gritar de longe para o fotógrafo:

“Ei, moço, não dá de clicar o cheiro, não?”
Entre tossidas abafadas retoma o caminho e vai embora rindo. Ela e mais 221 pessoas fazem parte de uma comunidade empestada pelo mau-cheiro, localizada a poucos quilômetros de uma fábrica de ração animal, de uma granja e de um aterro sanitário que está sendo investigado por suspeita de poluição da região. Segundo os moradores, o cheiro que circula pelas redondezas é uma mistura dos três, depende da hora se sente pouco mais ou pouco menos de um deles. De brinde, também virou depósito de cachorros e gatos devido a sua localização a poucos metros da BR-101. Bem vindos à Estiva do Inferninho.

Crimes Ambientais

O nome vem do rio homônimo que beira a comunidade, localizada em Tijuquinhas, no município de Biguaçu. Suspeita-se que o rio receba do aterro sanitário, que fica a quatro quilômetros da comunidade, dejetos não devidamente tratados de chorume (lixiviado), líquido produzido pela mistura do lixo com a água da chuva. A empresa ProActiva, responsável pelo aterro, está sendo investigada pela Polícia Federal (PF) desde 2007 e responde na Justiça por suspeita de poluição ambiental.

Em setembro de 2008, quando foi deflagrada a Operação Driadre foram presos três empresários

responsáveis pelo aterro e mais 11 suspeitos de crimes ligados à concessão de licenças ambientais. Entre os suspeitos estão servidores da Fundação do Meio Ambiente (Fatma), políticos de Biguaçu e empresários da Inplac, do ramo de plástico, e da Schaefer Yachts, do setor náutico. Todos foram liberados poucos dias depois. O processo segue em segredo de justiça, o que significa que só os advogados dos acusados e os responsáveis pela investigação podem ter acesso aos documentos técnicos, laboratoriais e processuais que possam comprovar as infrações.

Na região da Reserva Biológica Marinha do Arvoredo, mesma onde deságua o rio Inferninho, pretende-se construir um empreendimento multimilionário, o complexo turístico Quinta dos Ganchos. Por se tratar de uma reserva biológica foi necessária a realização de um Estudo de Impacto Ambiental (EIA). A empresa contratou uma consultoria especializada para realizar tais estudos e em fase posterior entregá-los ao Instituto Chico Mendes (ICMBio), vinculado ao Ibama, para avaliação. O Zero teve acesso a esse documento, elaborado em outubro de 2008, em que consta a poluição da região. Foi identificada a presença de metais pesados, como mercúrio e arsênio que uma vez consumidos, não saem do seu corpo, e acumulativo. Pode provocar desde problemas no sistema respiratório, cardiovascular e nervoso até câncer, quando ingeridos em grandes quantidades. Também foi relatado alta concentração de matéria orgânica, que causa a proliferação de cianobacté-

rias, produtoras de toxinas com efeitos adversos a saúde. Tanto os níveis de metais quanto de matéria orgânica estava acima dos permitidos pelo Conselho Nacional de Meio Ambiente, Conama.

Devido à constatação de poluentes, a construção do complexo turístico foi interdita. O Quinta dos Ganchos contratou laboratórios para refazer o EIA, e verificou-se que a concentração dos poluentes era menor que os níveis relatados anteriormente. Para Marcelo Karmmers, analista ambiental do ICMBio, é suspeita a divergência entre os dois relatórios pela improbabilidade da diminuição da taxa de no primeiro EIA houve um erro, que não tinha mercúrio. Porém, precisa-se urgentemente de análises sem vínculos empresariais para relatar se há ou não as altas taxas desses metais poluentes. Kléber Isaac, superintendente do Ibama, que colabora com a PF na investigação da Operação Driadre afirma que se for constatado a presença dos metais pesados será investigado um possível nexa causal com o aterro.

O rio

O rio Inferninho faz parte da reserva biológica do Arvoredo e desemboca na Bacia Norte, em Governador Celso Ramos. Carlinhos é um dos moradores do Canto dos Gansos, a comunidade mais próxima da foz do rio, distante aproximadamente 1,5 km. Ali são cultivados ostras e mariscos e “até lula sai. Camarão desde abril que não aparece. Outra coisa que também já faz tempo que não tem é bagre. Quando eu era jovem tinha. Sumiu porque é um peixe que costuma ir na barra do rio”, conta o pescador aposentado. Ele explica como sabe que o mar está poluído. Aponta um pilar de concreto, um pedaço do que um dia foi um trapiche: “Tá vendo ali? Tá vendo alguma coisa no pilar? Não. Se não tivesse poluído teria limo. Excesso de produtos

químicos faz desaparecer tudo”.

Carlinhos continua: “Assim ó, deixa eu falar pra você do rio do Inferninho: Eu pescava lá, se tivesse com o barco na água hoje, até te levava pra ver. Você nem imagina a sujeira que sai. Sai um caldo preto da cor do urubu. Ele custa a se alastrar. Prejudica peixe, camarão...Eu vi”, e continua cada vez com a voz mais baixa, “quando dá enchente a coisa piora, é muita sujeira. Você não imagina o que a gente encontra se pesca de rede na boca do rio. Eu, ostra não como de jeito nenhum”.

O aterro

As denúncias contra a empresa ProActiva vão além das negligências no tratamento do chorume. A empresa declara que o aterro recebe 800 toneladas diárias de resíduos urbanos e aproximadamente 1,3 tonelada de lixo hospitalar que, devido a sua periculosidade, deve passar por um trata-

“Além de concentrar metais pesados, o chorume, é dez vezes mais poluente que o esgoto de origem doméstica”

mento especial. No aterro de Biguaçu é utilizado a autoclave, estrutura responsável pela descontaminação dos resíduos de serviços de saúde por incineração. Caso a máquina não esteja funcionando, o lixo deve ser mantido em local refrigerado por até cinco dias. Passado este tempo, se a máquina ainda não estiver em condições de ser utilizada, é responsabilidade da empresa enviar os resíduos a um local apto para o processo. No dia em que a equipe de reportagem visitou o aterro, o incinerador estava em manutenção e os resíduos não estavam sendo mantidos em local refrigerado (foto 5).

A empresa também possui cinco lagoas, cada uma responsável por uma fase diferente do tratamento do chorume. Por hora são captados de 12 a 25 m³ do líquido. Durante a visita, também foram identificados pequenos deslizos nos tanques de armazenamento, que deixavam transbordar o chorume de uma lagoa para a outra (foto 4). Kléber Isaac conta que: “é um empreendimento de

engenharia organizado, só que a impressão é que há uma certa negligência no tratamento do chorume. Inclusive, no dia da operação, as piscinas de tratamento estavam com válvulas abertas entre elas e o chorume passava de uma para a outra sem entrar no tratamento químico, caindo direto no rio. Não sabíamos se era porque tinha algo que não estava pronto ou porque queriam economizar. Nosso pessoal vai avaliar isso também”.

Conforme a Resolução nº 357 do Conama, efluentes só podem ser despejados no curso dos rios se estiverem dentro das condições estabelecidas. Caso contrário se torna extremamente danoso para o meio ambiente e para a população. Além de concentrar metais pesados, o chorume, devido à elevada carga orgânica nele presente, é dez vezes mais poluente que o esgoto de origem doméstica.

Um aterro sanitário, para ser considerado como tal, deve também ter certos cuidados com a proteção do solo. Antes de enterrar o lixo, é preciso impermeabilizar as fossas com polietileno de alta densidade, PEAD, impedindo que o chorume atinja o lençol freático. No caso do aterro de Biguaçu, se o sistema estiver irregular, as fazendas de camarão da região podem estar contaminadas. Outro fator de periculosidade é a exposição do lixo a céu aberto, que atrai pássaros vetores de doenças. Nas duas visitas ao aterro, grande parte do lixo estava descoberto. O que não constitui uma prova de irregularidade. Apesar de o ideal ser que o lixo seja enterrado imediatamente, o prazo para isso é de até 48 horas. As duas situações são suspeitas e estão sendo investigadas.

O preço da tonelada de lixo é de R\$ 98. Com 800 toneladas diárias que passam pela balança de caminhões da ProActiva, o faturamento mensal é no mínimo (já que o preço do lixo hospitalar é mais caro) de R\$ 2,3 milhões. A empresa também recebe pelos contratos com as prefeituras. No último edital de Florianópolis, o valor a ser pago pelo serviço (de 2010 a 2014) era de R\$ 74 milhões. A capital é apenas uma das 22 cidades atendidas pelo aterro.

A comunidade

Inferninho de nome e de estilo. Sem rua asfaltada, a comunidade que vive a quatro quilômetros do aterro tem um posto de saúde (que não funciona diariamente), um extenso campo de futebol (gerenciado pela ProActiva), a sede da Associação dos Moradores, uma igreja católica e uma evangélica, um centro de reabilitação e a venda do Nadinho. O resto são casas, algumas de alvenaria (geralmente bem coloridas) e outras de madeira. As pessoas que moram ali têm 15 anos a menos do que parecem ter.

Suzana Adriana mora na rua de entrada da Estiva do Inferninho, em uma das casas de madeira. Está sentada, conversando com a vizinha, em seu quintal. A estrutura do ambiente é composta por uma árvore já enfeitada para o natal com pinhas pintadas a mão, um varal, chão de terra, três bancos de madeira feitos com estacas velhas de lenho posicionados em forma de “u” e algumas flores plantadas atrás de uma fileira de pedras no chão, uma espécie de barragem para água de chuva.

Suzana pediu para não ser fotografada. Diz que não tem jeito, não sai bem em nenhuma foto. Moradora da Estiva há 36 anos, reclama: “nós aqui fomos premiados... granja de galinha, fábrica de ossos, depósito de cachorro, centro de recuperação para drogados, aterro...”. E logo emenda: “mas o aterro deu emprego pra todo mundo”. Segundo a ProActiva, 90% da comunidade trabalha no aterro ou tem alguém da família empregado. Os maridos das duas moradoras são funcionários da empresa.

De modo geral, fora uma ou outra ressalva, o mau cheiro é associado à fábrica de ração animal Ana Cecilia Vieira & Cia Ltda. O odor provocado pela “fábrica de ossos”, como é chamada pelos moradores, é causado pela queima de restos de animais. Uma das ressalvas foi de Ana, moradora de 70 anos da parte alta da comunidade, tem dois

filhos trabalhando na ProActiva. Ela conta que, de final de semana e principalmente no verão, o cheiro vem do aterro, devido ao aumento do tráfego de caminhões de lixo. Quando perguntado o seu nome, Ana voltou atrás, e disse que não era tão ruim assim.

Com o cabelo penteado em coque, com mais fios caindo do que presos, mão sempre entre os olhos e ao som de um CD evangélico, Suzana conta: “Não dá de comer, a gente fica enjoado, sabe? Bem na hora do almoço, aquele cheiro insuportável. De vez em quando dá vômito, diarreia. A gente fica meio amarela, essas coisas assim”.

Edilza, a vizinha, completa: “Bota a roupa molhada no varal, o cheiro não sai nunca mais. Político só aparece aqui mesmo pra pedir voto e mais nada. Quando chove, a água da estrada vem tudo pra cá, a gente fica igual o mar. Calçamento que era pra vir pra cá tá fazendo aniversário. Antes, no posto de saúde, tinha um médico todo terça, quarta e sexta. Agora só vem de 15 em 15 dias. Aqui a gente tá melhorando, né?”.

O centro de reabilitação entrou na roda das reclamações porque, segundo os moradores, os internados costumam escapar e roubar cigarros, bebidas e outros pequenos objetos. Edilza conta que seu sogro foi roubado recentemente, mas segundo ela, a “coisa melhorou, a turma que entrou agora tá boa, nem assaltar a venda, eles assaltaram”.

Antes de dizer que tem que voltar ao trabalho, enquanto esfrega a ponta do chinelo no chão de areia, Adriana explica: “nós já fizemos abaixo-assinado pra tudo. Já assinei tanto. Mas to é cansada de viver nesse dilema”.

O processo

O que acontece com a empresa ProActiva e com os habitantes da Estiva caso seja provada a contaminação do ambiente?

A PF não tem o direito de atuar ou embargar o estabelecimento. Isto fica a cargo do Ibama, que está realizando uma análise dos documentos técnicos produzidos pela empresa e pelo órgão de fiscalização responsável, a Fatma, no quinquênio de 2003-2008. Se os acusados também forem condenados neste caso, o superintendente Kléber Isaac afirma que a multa é imprescindível, mas o embargo do aterro não. A empresa pode alegar que a situação foi regularizada depois de 2008 e entrar com recurso para nova análise. E assim, o processo segue em um círculo vicioso, a menos que os laudos consigam provar que tem poluição suficiente para perdurar até hoje. Mesmo neste caso o embargo imediato também não é possível. A opção é desafogar os poucos as funções do empreendimento, transferindo-as para outros centros. Isaac explica que “a ProActiva é de utilidade pública e, por isso, acaba tendo algumas regalias”. Ou seja, não dá para ficar sem um destino final do lixo.

O procurador da República, Eduardo Barragan, afirmou que a PF irá tomar as devidas medidas cíveis para ressarcimento da população assim que tomadas as medidas judiciais, provavelmente em janeiro, três anos depois do início das investigações. Caso ocorra a absolvição, promove-se o arquivamento do processo. Se a denúncia for recebida pela justiça, começa a fase processual, em primeira instância: réus, interrogatórios, defesa, etc. Caso os acusados sejam considerados culpados, podem recorrer à segunda instância, o Tribunal de Justiça. E, em fase posterior, ao Tribunal Superior de Justiça. Não quer dizer que o sistema de leis não funcione no Brasil, pelo contrário. O procurador Barragan explica: “O sistema funciona muito bem porque ele é feito para não funcionar. A regra é não ter responsabilização, não existe um comprometimento em fazer o certo”. O ressarcimento não virá tão cedo.

Flora Pereira
flora.pereira23@gmail.com

O CAMINHO DO LIXO EM FLORIANÓPOLIS

Entenda como funciona a coleta desde sua casa até o destino final e saiba como acontecem os desperdícios do lixo reciclável.

O primeiro desvio na rota do lixo reciclável acontece dentro de casa. Cada pessoa produz diariamente um quilo de lixo, uma tonelada por ano. Estima-se que apenas 10% da população separe o lixo reciclável.



Se o lixo foi separado pelos moradores, é possível que aconteça o desvio dentro dos condomínios, que muitas vezes são displicentes na coleta seletiva. Não existem leis claras que obriguem o uso de latas de lixo diferenciadas.



Mesmo que o lixo reciclável tenha sido separado nas duas etapas anteriores, o caminhão da coleta seletiva passa apenas uma vez por semana em cada bairro. Quando o lixo é depositado no dia errado, acontece o terceiro desvio. Calcula-se que apenas 6% do lixo domiciliar é levado pelos caminhões da coleta seletiva, realizada pela Comcap.



São 417 catadores que trabalham diretamente com a coleta seletiva, evitando que 1,3 mil toneladas de resíduos recicláveis sejam encaminhados ao aterro sanitário por mês. Parte dos catadores desenvolve parceria com a prefeitura e opera diretamente realizando a triagem no CTReS.



A triagem é feita dentro do CTReS e por associações de catadores e triadores. É aqui que acontece o quarto desvio. Mesmo que a coleta seletiva tenha sido feita em todas as outras etapas, se ele não foi lavado na primeira, ele não é aproveitado e será, então, encaminhado para o aterro.

Nas cooperativas, o lixo é separado e organizado para ser vendido a intermediários, que encaminharão os resíduos recicláveis às empresas adequadas. Os materiais recicláveis recolhidos pela coleta seletiva são vendidos para aparistas, sucateiros, intermediários ou diretamente às fábricas que irão reindustrializá-los.



LIXO RECICLÁVEL

LIXO CONVENCIONAL

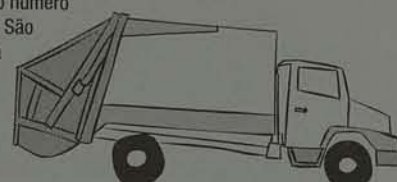
Apenas 15% do lixo realmente não é reaproveitável. 50% é orgânico e pode virar adubo e 35% é reciclável.



É obrigação do habitante certificar-se do serviço nos condomínios assim como nas instituições, empresas e inclusive universidades que não possuem recipientes para o lixo reciclável, produzindo assim apenas resíduos sólidos.

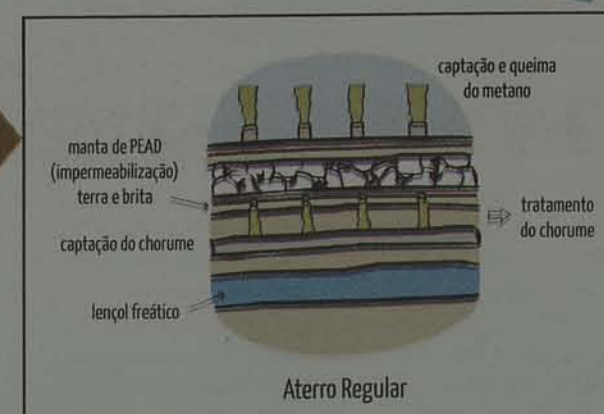


Florianópolis produz em média 383 toneladas de lixo por dia. No verão o número sobe para 466 toneladas. São 38 caminhões na frota da Comcap para abastecer os 421 mil habitantes. Ainda existem bairros não atendidos pela coleta convencional.



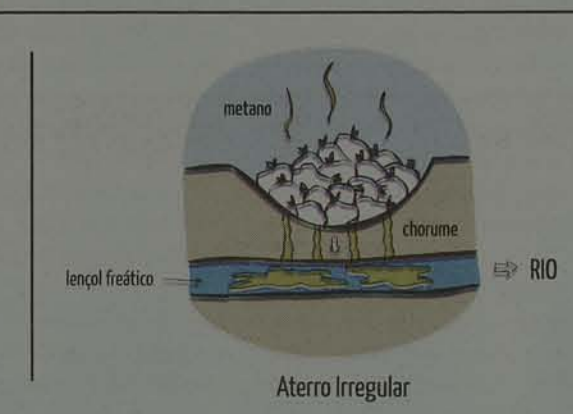
O lixo é encaminhado para o Centro de Transferência de Resíduos Sólidos (CTRReS), localizado no bairro de Itacorubi. Ali é feito a triagem do lixo trazido pelos caminhões da coleta seletiva. Os resíduos não recicláveis não passam pela triagem, são transferidos para carretas maiores e dali vão direto para o aterro sanitário em Biguaçu.

O aterro sanitário, organizado pela ProActiva, atende 22 cidades e recebe 800 toneladas de lixo por dia. São 76 funcionários trabalhando *in loco* e 300 no total. A empresa está sob investigação por irregularidades no tratamento do lixo.



Aterro Regular

As consequências de um aterro irregular podem ser a contaminação do solo pelo chorume, liberação de gás metano no ar e poluição hídrica da região onde está localizada o empreendimento.



Aterro Irregular

Os dejetos do aterro são despejados a 6,5 km da foz do rio Inferninho. Ali, além das atividades de pesca, são cultivados ostras e mariscos.



Fontes: IBGE, Eng. Sanitária - UFSC, recicloteca
Infográfico: Tais Massaro e Flora Pereira

Documentação irregular é constante

Empresa responsável por aterro sanitário tem problemas com edital e licenças ambientais da Fatma e do Ibama

Uma concorrência anulada em 7 de abril deste ano dificulta o caminho do lixo diário de 22 cidades catarinenses. A disputa? O edital da Prefeitura de Florianópolis (589/SAMP/DLC/2009) para contratar uma empresa que atenda certas exigências a respeito do destino final dos dejetos urbanos. O Juiz de Direito Luiz Antonio Fornerolli afirma que o documento restringe a participação de outras empresas, já que somente a atual contratada teria condições de atender a todos os pontos estabelecidos.

O edital tem por objetivo o transporte e a destinação de resíduos domiciliares e comerciais; de saúde; e químicos, tóxicos e perigosos Classe I, ou seja, que causem riscos à saúde pública e ao meio ambiente. A intenção, depois de anulado, é que o serviço seja dividido entre pelo menos três empresas.

A atual responsável pelo lixo, ProActiva Ambiental, braço tupiniquim de uma aliança franco-espanhola, a FCC-Veoli, continua trabalhando com um contrato de emergência, consequência da suspensão do edital, ainda em janeiro, pelo juiz Hélio do Valle Pereira. Caso ganhasse a concorrência, a empresa chegaria a faturar R\$ 74,1 milhões pelo

serviço prestado.

Alguns dos 300 funcionários da ProActiva Ambiental já haviam sido presos em setembro de 2008, durante a Operação Driade. Estariam sob a mira da Polícia Federal crimes ambientais contra a administração pública e a venda de licenças na Grande Florianópolis. Segundo o Procurador da República Eduardo Barragan, “tudo partiu da Câmara de Vereadores de Biguaçu”. Foi, então, montado um inquérito que abrange outros quatro baseados na avaliação do Ministério Público Federal.

A Ong Eco & Ação acompanha desde o início a operação da PF. A advogada Ana Echevengá, presidente da Ong, acredita que a empresa teria pagado R\$ 1 milhão a alguns vereadores e a servidores da Fundação do Meio Ambiente (Fatma), segundo ela o “órgão mais corrupto do estado”, para fraudar uma concessão.

No processo, a juíza Marjôrie Freiburger, da Vara Federal Ambiental de Florianópolis, levantou suspeita quanto ao tratamento de lixo hospitalar e sobre possíveis irregularidades no local onde é depositado. Envolvendo ainda outras empresas – Implac e Schaefer Yachts –, haveria violações em relação ao Plano

Diretor, à construção de loteamentos e ocupação desordenada e, além disso, uma possível redução de Áreas de Preservação Permanente.

No decorrer das investigações, houve um impasse entre a ProActiva e o Ibama, que exigiu em uma notificação, o cumprimento de normas através da apresentação de documentos técnicos. Entre eles, estão autorizações e licenças ambientais; estudos, laudos e relatórios, como o Estudo de Impacto Ambiental (EIA); e o projeto completo do aterro sanitário com todas as atividades envolvidas e seus respectivos relatórios de operação.

A empresa alegou que, como a Fatma já havia emitido licença para as atividades do aterro sanitário, o órgão nacional haveria invadido a esfera de poder do órgão estadual. Para a juíza, a fiscalização é responsabilidade de ambas.

Em resposta, a ProActiva informou que não possuía o relatório de operações dos últimos cinco anos. Após a insistência do Ibama, a empresa enviou ao escritório do órgão três kombis com caixas de documentos individuais de cada caminhão que chegou ao aterro, entre 2003 e 2008, emperrando assim o traba-

lho dos fiscais.

Depois de checar toda a documentação, descobriu-se que as informações eram insuficientes, o que obrigou o Ibama a solicitar, pelas normas da ABNT NBR, um relatório com dados sobre a origem, quantidade diária e massa específica dos resíduos, além de características dos meios de transporte utilizados.

Atualmente o processo está em segredo de justiça. “No momento da investigação, a finalidade é a qualidade do que está sendo apurado. Em uma segunda parte, preservar os investigados”, explica Barragan. O caso também está parado, já que a juíza responsável está em licença maternidade, férias e premium (gratificação após cinco anos de trabalho). O procurador, categoricamente, afirma: “Se ela não voltar em janeiro, vou ter que tomar outras atitudes. A medida tem que ser rápida, senão ela pode prescrever. Eles querem matar o problema pela raiz como foi com a operação Moeda Verde. Todo mundo que tinha sido indiciado continua a frente.”

Wesley Klimpel
wesleyklimpel@gmail.com

Operação Driade

Os indiciados:

*Sandro Roberto Andretti, secretário do Meio Ambiente de Biguaçu;

*João José Morfin Neto, secretário de Planejamento de Biguaçu;

*Luiz Carlos da Rocha, o Carlito, vereador de Biguaçu;

*José Luiz Piccoli, diretor da ProActiva;

*Régis Jean Daniel Hahn, funcionário da ProActiva em São Paulo;

*Ernani Santa Rita, gerente da ProActiva;

*Raul Alberto Dellvalle Ferreyra, funcionário da ProActiva em São Paulo;

*Celso Kiyoshe Takeda, funcionário da ProActiva em São Paulo;

*Márcio Rosa, coordenador da Fatma na Grande Florianópolis;

*Newton Luiz Cascaes Pizzolatti, servidor da Fatma;

*Zeno Silveira de Souza Brito, servidor da Fatma;

*Márcio Luiz Schaefer, proprietário da Schaefer Yachts;

*Armélindo Ramos, sócio da Corbelix;

*Fernando Marcondes de Mattos, proprietário do resort Costão do Santinho.

Cidadão é cúmplice no impacto do lixo no ambiente

Mesmo com empreendimentos de engenharia, a remoção de poluentes é cara para o contingente de resíduos gerada

Quanto maior a quantidade de lixo, maior o impacto ambiental. A regra lógica leva a responsabilidade para quem ainda é a principal fonte geradora de resíduos: o cidadão. Um estudo realizado pela Prefeitura de Florianópolis no ano passado mostra que a capital gera, em média, 466 toneladas de lixo por dia na alta temporada, época que se inicia com o verão no final deste mês. Corresponde a liberar diariamente 66 elefantes africanos no aterro sanitário de Tijuquinhas.

Para tratar esse contingente, pequeno quando comparado ao produzido por cidades mais populosas, a forma economicamente viável e melhor difundida no Brasil é através de empreendimentos de engenharia como os aterros sanitários. De acordo com o professor do departamento de Engenharia Sanitária da UFSC, Armando Borges Jr, o que diferencia um aterro de um lixão é o planejamento e o licenciamento ambiental. “Deve seguir uma regulamentação exigida por órgãos fiscalizadores como Fatma e Ibama, além de utilizar recursos tecnológicos para tratamento adequado dos principais poluentes que resultam do acúmulo de resíduo: chorume e gás metano”.

Borges complementa que Florianópolis não tem um sistema de compostagem, que é elaborado para controlar a decomposição de materiais orgânicos. Inclusive, afirma que 50% do lixo gerado na capital é desse tipo. Os benefícios de se



Sistemas de compostagem e tecnologias no tratamento final do chorume desafogam os aterros sanitários

implementar a técnica em larga escala seria desafogar a quantidade de resíduo orgânico que vai para o aterro e criar um ciclo retroalimentador, ou seja, reciclável. A compostagem permite transformar o que é lixo em nutriente, o chamado húmus, e assim utilizá-lo como fertilizante orgânico para alimentar plantas, solo e, conseqüentemente, tornar-se útil para a produtividade de agriculturas em várias regiões do estado.

Estrutura

O funcionamento de um aterro é complexo e une etapas, tanto logística e técnicas como físico-químicas, para

efetivar esse tratamento. Na entrada, os caminhões carregados de lixo devem ser pesados na balança, controlando quantidade, procedência e horários de entrada e saída. Depois vão até a chamada célula, que é uma cavidade impermeabilizada para descarregar os resíduos, e máquinas específicas espalham a quantidade na rampa da abertura.

A impermeabilização é realizada por camadas de argila e lonas de plástico PEAD de alta densidade que, quando bem elaborada, evita a contaminação do lençol freático, fato que ocorre nos lixões a céu aberto. Assim, tratores passam por cima do lixo e o compactam com mo-

vimentos repetidos de baixo para cima e, após, a célula é fechada com terra. Essa “frente de lixo” ou área de trabalho deve ser controlada, com identificação do tipo e quantidade de resíduo. Sua exposição precisa ser restringida depois de 48 horas, pois pode dar margem à proliferação de vetores de doenças, como pássaros e ratos.

Segundo a engenheira sanitária responsável pelo gerenciamento técnico do aterro, Fernanda Vanhoni, há um sistema de drenos dentro de cada célula que recolhe os gases e chorume para tratamento. “No caso do líquido, ele desce por gravidade e escorre pelas tubulações, sendo despejado, por fim, nas lagoas de estabilização. E o metano, que contempla 50% dos gases produzidos, é queimado pelo Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL) que o transforma em CO₂, 21 vezes menos poluente”.

Quando chove, parte da água pluvial é desviada pelas bordas do aterro e parte penetra no solo da “montanha” de células sobrepostas. O resultado da infiltração é a produção de chorume, ou lixiviado – como os cientistas denominam. No caso do aterro de Tijuquinhas, são canalizados por hora de 12 a 25 m³ de

chorume, número que depende da quantidade de chuva. Para limpar a vazão desse rio contaminado, é utilizado o método de lagoas de equalização. Funciona como uma série de filtros e se assemelha com as técnicas utilizadas para o tratamento de esgoto: mistura-se ao chorume bactérias para remover a carga orgânica do líquido, na piscina anaeróbica, e na química, reagentes para limpeza. O líquido final deve estar em condições de ser lançado aos recursos hídricos sem possibilidade de poluição, de acordo com as normas estabelecidas pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama).

O superintendente do Ibama Kleber Isaac Silva acredita que o maior problema na purificação do lixiviado é retirar os metais pesados. “No Brasil, o recolhimento de baterias e lixo tecnológico, que por lei deve ser retornado ao fabricante e não jogado no lixo convencional, é muito insipiente. Por isso, este tipo de resíduo acaba nos aterros, pois não há uma devida coleta que os retire antes de se misturar aos outros tipos de lixo”. E complementa: “o tratamento para limpar o chorume de metais tóxicos, como mercúrio e cádmio, por exemplo, custa caro e pode ser objeto de irregularidades”.

Thiago Verney
thiago.verney@gmail.com

Aumento de patentes traz desafios

Novos registros de propriedade intelectual demandam maior rapidez e políticas mais eficientes no país

Nos desfiles da última temporada de Outono-inverno 2011, um comunicado alertou profissionais da moda e "outros bem intencionados, porém maus usuários do nome Chanel" que folheavam o jornal *WWD (Woman's Wear Daily)*. Em meio a especificações do que deve ser chamado de Chanel, a corporação foi pontual. "Embora nosso estilo seja merecidamente famoso, um paletó não é um paletó Chanel a não ser que seja nosso, e o cardigã de outra marca não é um *Chanel* do momento. E mesmo lisonjeados pelos tributos a nossa fama, a partir dos termos *Chanel-ed*, *Chanel's* e *Chanel-ized*, por favor, não os usem. Nossos advogados os detestam. Nós levamos nossa marca a sério".

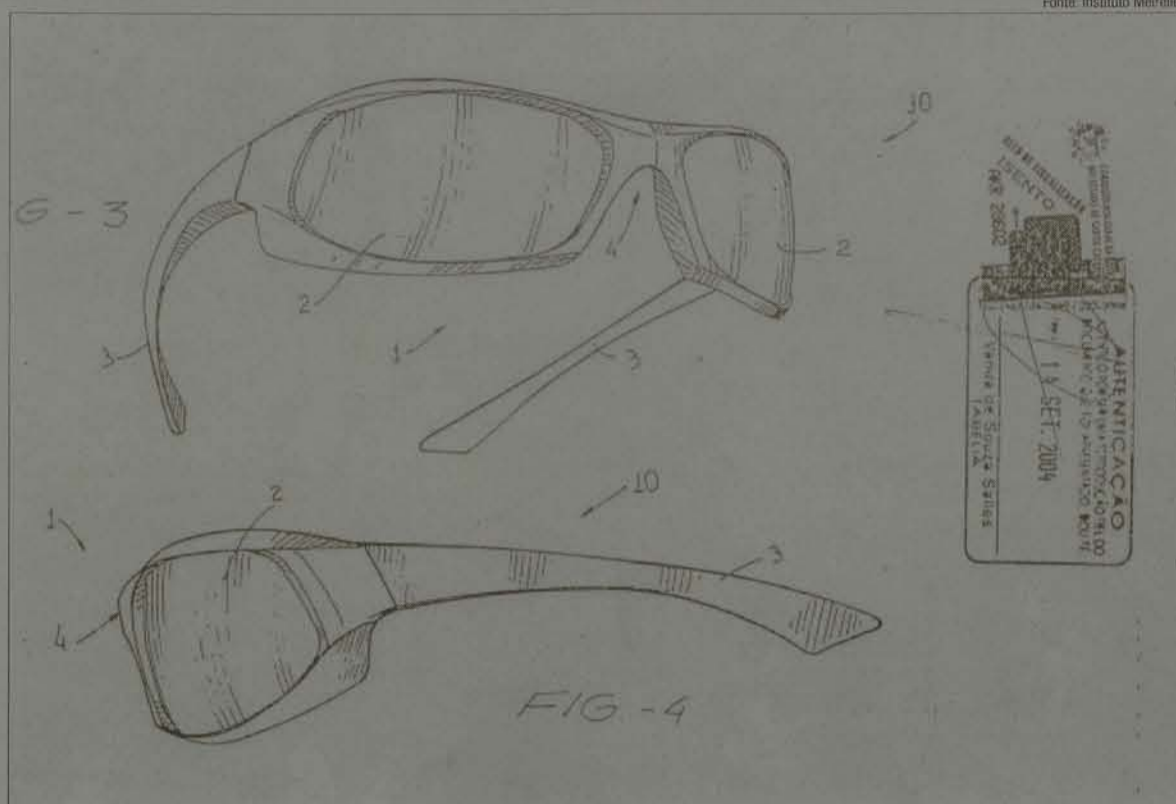
Assim como a francesa, outras marcas têm se preocupado com a banalização dos seus nomes. Para que o chocolate em pó caseiro não seja chamado de Nescau ou a água sanitária sem inspeção seja nomeada Qboa, um dos recursos utilizados pelas empresas é o registro de marca, patente, software ou desenho industrial - design de um produto. Com o suporte legal, qualquer pessoa que use o nome sem autorização e prejudique a imagem da marca pode sofrer um processo.

A propriedade intelectual de uma marca garante mais do que a valorização do seu nome. Ela protege contra a propaganda enganosa e, principalmente, contra a pirataria dos seus produtos. No Brasil, a mentalidade dos novos empreendedores ainda caminha para um investimento no registro de marca, desenho industrial e patente. Políticas públicas, incentivo de universidades e de empresas ajudam o número de registros a crescer no Instituto Nacional da Propriedade Intelectual (INPI). Em 2008, o instituto contabilizou 126.618 registros nos três segmentos, 21% a mais que em 1998, ano em que o desenho industrial nem fazia parte das estatísticas.

Para chamar de seu

As etapas para se tornar proprietário oficial de um desenho, de uma marca ou patente são simples, o que não impede um processo demorado. "O INPI é criterioso", diz Luiz Otávio Pimentel, professor de Direito da UFSC. Burocracia ou cuidado, o instituto pede que o interessado conheça os critérios que definem qual marca pode ser registrada, seus tipos, o que é patente e em que classificação ela se enquadra. Antes de qualquer pedido, o proprietário deve pesquisar o banco de marcas e inovações já registradas no INPI, porque se alguém registrou primeiro a mesma ideia, ele tem prioridade sobre o seu pedido - a propriedade intelectual passa a valer assim que é feito o depósito, ou seja, o envio eletrônico de toda a documentação necessária.

Na *Bookess*, uma editora e biblioteca virtual com escritório em Florianópolis,



O registro de desenho industrial Mormaii ajuda a proteger o produto mais falsificado da marca: os óculos de sol

nópolis, a primeira iniciativa tomada foi pesquisar se o endereço online com o nome da empresa estava disponível. Certos de que os famosos .com e .com.br estavam livres, os sócios criaram o site nos dois formatos. "O domínio é baratinho, varia de R\$20 a R\$30 por ano", conta Marcelo Cazado, diretor executivo da empresa. Só depois deram entrada na razão social e no registro de marca da Bookess.

No caso de se registrar uma marca no Brasil, deve-se definir o seu tipo e de que forma será apresentada. Ela pode representar serviços, produtos, ser coletiva ou de certificação, caso dos ISOS, que normatizam internacionalmente as ações de uma empresa e garantem sua qualidade de trabalho. Em relação à apresentação, mais

opções: a marca pode ser nominativa, quando apresenta letras ou letras e algarismos; figurativa, quando possui desenhos ou imagens; mista, quando mistura esses dois tipos ou ainda tridimensional. Na *Bookess*, dois tipos de marcas identificam a empresa: a primeira é mista e a segunda, utilizada em redes sociais, é apenas o desenho de uma coruja. Ainda que se referindo ao mesmo serviço, na hora do registro junto ao INPI, a *Bookess* teve que entrar com dois pedidos, pois, para cada forma de apresentação, exige-se um novo depósito.

Os diretores da biblioteca virtual também se preocuparam com a exclusividade da marca no exterior e

registraram o domínio internacional da empresa nos Estados Unidos. Lá, o órgão responsável é o *USPTO (United States Patent and Trademark Office)*. Realizado todo através de email direto com a estatal, o processo custou 300 dólares. Enquanto nos Estados Unidos o pedido foi feito em dezembro de 2009 e espera-se que até o fim deste ano seja finalizado, aqui no Brasil, o pedido foi realizado em março de 2010 e deve durar três anos.

Quando completou dois anos na internet, em abril deste ano, a *Bookess* atualizou seu sistema de visualização dos livros disponibilizados na internet. O preview possibilita, em uma área de leitura maior e com carregamento mais rápido. Os sócios levaram um susto quando souberam

que a Amazon queria patentear esse sistema de visualização. "Temos que estar alerta com esse tipo de coisa. É um exemplo de ação que pode matar a sua empresa." Porém, o advogado da *Bookess* acalmou o diretor. Um dos preceitos da patente é a inovação; tudo aquilo que já se conhece não pode mais ser protegido.

Há uma diferença fundamental no entendimento do Brasil e dos Estados Unidos sobre o que é patenteável. No país norte-americano, para uma descoberta ser registrada como patente basta o fenômeno da natureza ainda não ter sido revelado ou identificado. Se não conhecêssemos a lei da gravidade e um americano a comprovasse em

pleno século XXI, o *USPTO* a registraria com gosto. No Brasil, as invenções, sim, são patenteáveis, mas os fenômenos naturais, não.

Contra a pirataria

Sobre registros de propriedade intelectual, a catarinense Mormaii entende. No mercado desde 1975, a empresa investiu no registro de marca em 1983. Cinco anos depois, era a vez de prevenir-se no exterior: em mais de 50 países, entre eles China e Tailândia, a Mormaii seria exclusiva. "A marca é o nosso maior patrimônio", diz Elizete Furtado, administradora da empresa. O reconhecimento da marca no exterior é também um atrativo para a pirataria de seus produtos, em especial os óculos de sol. Em 2008, a empresa faturou R\$ 230 milhões com a venda de suas criações, porém esse número poderia chegar a cerca de R\$299 milhões, caso não fosse os 30% perdidos com o comércio ilegal.

Para que a Mormaii peça a retirada dos produtos falsificados, é necessário que a empresa apresente os seus registros de desenho industrial à Polícia Civil ou a um juiz. A iniciativa já rendeu mais de cinco milhões de produtos apreendidos e foi possível por um trabalho efetivo no combate à pirataria, que começou em 2001 e seis anos depois resultou na criação da Associação Brasileira de Produtos Ópticos, a *Abióptica*. Com a ajuda do Instituto Meirelles de Proteção à Propriedade Intelectual, a associação fiscaliza e apreende óculos de sol e de grau piratas ou inadequados para o uso. Só neste ano, oito milhões já foram apreendidos. "Como resultado do trabalho, os óculos já figuram como o produto mais apreendido no Brasil, superando CDs e DVDs", conta Elizete.

Rumo à inovação

Ainda que o Brasil regule a propriedade intelectual desde 1809, o incentivo aos investimentos nesse setor é recente, a começar por 1996, com a Lei da Propriedade Industrial. "Não estávamos expostos a uma concorrência internacional selvagem", justifica Luiz Otávio Pimentel. Com o país aumentando suas relações comerciais, o jeito é se proteger para não ser copiado, e investir, para desenvolver novos produtos e competir por igual. A Lei de Inovação Tecnológica, em vigor desde 2005, trata desse investimento e integra universidades, instituições de pesquisa e empresas para estimular a inovação nesses ambientes.

Durante a pós-graduação de Gestão Estratégica do Design Gráfico, na UFSC, os mestrandos têm quatro dias de aulas sobre o assunto; são eles uma grande parcela dos futuros inovadores do país. Nas empresas, também existe uma preocupação para que os projetos sejam adequados à lei. Em 2011, o Sebrae vai produzir cartilhas explicando aos empreendedores os tipos de propriedade intelectual e oferecer consultorias para ajudar os interessados no registro de suas marcas e inovações. De acordo com Michele Copetti, autora do livro "Afinidade entre marcas: uma questão de Direito", essa é uma atividade que precisa ser trabalhada no país. "O fato significativo que dificulta os registros é a falta de conhecimento da sociedade sobre o funcionamento deles".

Ao mesmo tempo em que o INPI prevê o maior registro de patente da história, em 2010, com 27 mil novas invenções, o Brasil há pouco tempo foi considerado o quarto país mais desfavorável para propriedade intelectual, em 2007. A colocação foi apresentada pela Câmara Internacional do Comércio e é resultado de uma cadeia de fatores, que incluem o Poder Executivo e o Poder Judiciário do país. O primeiro, por cobrar muitos impostos das empresas, que Michele considera desproporcionais e que acabam incentivando a ilegalidade, e o Poder Judiciário, por não dar suporte ao Executivo no momento de fechar o comércio ilegal.

O consumidor também tem uma parcela de culpa quando o assunto é falsificação. "Infelizmente, grande parte deles estão envolvidos nessa cadeia, já que acabam comprando o produto sabendo que é pirateado, por ter a sua aparência similar ao original, aliada a um preço atraente", diz a advogada. A importância da propriedade intelectual deve ser entendida não só pelos empreendedores, mas principalmente por aqueles que irão recompensar o investimento do negócio: os consumidores.

Claudia Mebs
claudiamebs@gmail.com

Tecnologia para garantir a aprovação

Cresce demanda por aulas a distância na preparação para concursos públicos, mas geram dúvida quanto à didática

Ansiedade é a palavra que a advogada Débora Nicoleit deve retirar do dicionário até dezembro e, quem sabe, ganhar outra bem mais agradável como presente de natal: aprovação. Desde quando se formou em direito pela Unisul, há treze anos, Nicoleit sonha em ingressar no funcionalismo público. Deixou de advogar para dedicar-se exclusivamente aos estudos. Assim, procurou um curso preparatório para direcioná-la nesta tarefa e matriculou-se na sede de Florianópolis do complexo de ensino Damásio de Jesus. O empenho, segundo a "concurseira", é crucial para garantir o cargo de analista do Tribunal Regional do Trabalho (TRT) do estado neste final de ano, época em que será realizada a prova.

Ao contrário do convencional, na sala de aula da advogada não há professores e quadros-negro. Até existem, mas estão a quilômetros do lugar, no estúdio da matriz do Damásio em São Paulo, e são observados graças a uma televisão de 56 polegadas que mostra, ao vivo, as mesmas aulas transmitidas via satélite em outras 220 franquias por todo o país. O sistema de teletransmissão é o mesmo utilizado por redes de TV – o sinal é captado pelas filiais do ensino, através de um receptor, e visualizado por televisões e projetores na sala.

De acordo com o coordenador pedagógico e sócio da sede do Damásio de Jesus em Florianópolis, Dreyfon Stuart, o ensino a distância é um mercado em expansão, tanto pelo investimento tecnológico das empresas quanto pela facilidade na transmissão de conteúdo. A unidade em si reflete o crescimento do setor, pois aumentou de 80 a 500 alunos em oito meses. "A procura é devido a vantagens que tem o sistema de ensino: silêncio nas aulas, poucos alunos por sala, reposição de conteúdos na biblioteca de estudos. Fatos que você dificilmente observa em um curso com centenas de pessoas no mesmo ambiente".

Stuart também destaca que a distância entre educador e aluno não é um fator que dificulte a solução de dúvidas na teletransmissão. Pelo sistema, existem duas formas de enviar perguntas: durante a aula, através de um canal de comunicação direto com o professor, específico para os cursos da área fiscal – neste caso, exigem resposta imediata, pois envolvem muitos cálculos; para os outros cursos, a dúvida é encaminhada pela "área do aluno" no site do Damásio e respondida dentro de um período de 48 horas. O sistema foi elaborado dessa forma, segundo Stuart, para não consumir tempo de aula com perguntas que, às vezes, fogem do tema e não interessam a todos os "telespectadores-alunos".

Foi por causa desse canal de envio de dúvidas pela internet que Nicoleit escolheu o curso a distância. Disse que



Teletransmissão: a quilômetros da sala, professor sintetiza conteúdos para manter atenção dos alunos na aula e esclarece dúvidas pela internet

já estudou na sede em São Paulo, em aulas presenciais, e não tinha oportunidade de fazer perguntas ao professor, pois havia quase 200 alunos na sala. "Tinha restrição quanto à vestimenta e horários. Aliás, no presencial não existem esses meios que são disponibilizados via internet, como a central de dúvidas", compara a advogada.

Mercado online

Não é por acaso que a carreira no funcionalismo está cada vez mais disputada. Desde o final de outubro, foram abertas 20 mil vagas no setor público em todo o Brasil, com salários atraentes, como os do TRT de Rondônia e do Acre, que chegam a R\$22 mil. Segundo a pesquisa mensal de emprego divulgada pelo IBGE, em setembro, a média salarial dos funcionários públicos é de R\$2.700. A remuneração representa o dobro da média de quanto ganham os trabalhadores com carteira assinada no setor privado. No caso da advogada, se passar no concurso receberá R\$6.611 por mês no início da carreira.

Assim, o desejo por estabilidade e bons salários é a engrenagem que movimenta a concorrência entre cursos preparatórios, concurseiros e sites, tanto gratuitos quanto pagos, impulsionando a utilização de novas tecnologias na forma de ensino. O ClicAulas.com.br é um exemplo da expansão do mercado via internet, que surgiu há três meses em Florianópolis e prepara os candidatos por meio de videoaulas na web. Antes disso, o curso era minis-



Investimento em aparato técnico acrescenta possibilidades ao EaD

trado através do ensino presencial pela Escola para Carreira Pública (ECP), que, segundo o sócio do empreendimento Alexandre Yoshida, foi a primeira preparatória para concursos no estado.

O investimento no site foi uma exigência dos alunos, com pouco tempo para assistir as aulas na ECP, pois estavam cada vez mais atarefados com outros compromissos, como faculdade e trabalho. Para efetivar a ideia, Yoshida resolveu, então, alugar um estúdio no outro lado da rua para gravar as aulas.

e técnico judiciário, é oferecido tanto pela web quanto pela forma convencional ao preço de R\$79,00.

Em contrapartida, há sites como o GuiaDosConcurseiros.net e o Blog.TudoParaConcursos.net que disponibilizam conteúdos inteiramente grátis. Funcionam como um fórum: usuários e administradores dos sites postam links externos de vídeos, apostilas e qualquer ferramenta digital que forneça dados sobre as provas, sendo que ambos categorizam e classificam a qualidade dos materiais. Deixam claro

nos termos de uso que "a responsabilidade pela visualização e download de arquivos é do usuário. Não incentivamos a pirataria e não cobramos nada por disponibilizar links externos, portanto não obtemos lucro com essa atividade".

Substitui o presencial?

A tecnologia gera facilidades e também discussões na efetividade do aprendizado. Segundo o coordenador do departamento de Metodologia de Ensino (MEN) do Centro de Ciências da Educação da UFSC, Nestor Habkost, o ensino a distância ainda inibe o professor de trabalhar as dificuldades específicas de aprendizagem do aluno. Relata que a maior parte dos cursos eficazes nesse meio são técnicos, porque o conhecimento operacional é mais lógico para ser entendido. "Vejam o exemplo de uma aula de interpretação de texto. Como garantir que milhares de alunos que estudam a distância terão o domínio necessário do vocabulário de texto e que estarão interpretando de maneira adequada?", compara o professor.

Habkost enfatiza que o problema pode estar na generalização dos conteúdos, pois, a distância, o professor adapta a aula para ministrar a um público diverso e desconhecido, de várias faixas etárias. Além disso, a mediação do processo de ensino por outros profissionais que não são especializados em pedagogia ou docência pode comprometer na aprendizagem dos alunos. Por exemplo: a estrutura de um ensino a distância requer uma equipe de elaboração de material, edição de imagens, transmissão e recepção das aulas. Isso ultrapassa em complexidade a simples difusão de conhecimento do professor ao aluno em uma sala de aula convencional. Para o coordenador, não é negar a tecnologia, mas refletir sobre novas soluções que estejam a altura do ensino presencial, pois ainda não há comprovação científica satisfatória que revele o EaD como substitutivo ao ensino tradicional.

A mesma ideia é defendida por Cristiane Medina, responsável pela administração da Russo Concursos, da escola Objetivo em Florianópolis. Apesar de o curso preparatório planejar a implantação de uma plataforma de ensino pela internet, através de videoaulas, Medina enfatiza que nada substitui a aula convencional. "O professor quando está cara-a-cara com o aluno, sanando as dúvidas, é infinitamente mais produtivo. Até porque o tempo de aula é maior e essa troca interativa entre os dois, realmente, é uma coisa que o online não supre. Até facilita, mas não tem a mesma qualidade".

Thiago Verney
verneyjor@hotmail.com

Onde eu vou matricular meu filho?

De olho na estrutura de cada escola, pais também se preocupam com métodos que reflitam na qualidade do ensino

Prestes a completar seis anos de idade, Maria Júlia ainda não sabe em que escola vai estudar no ano que vem. Isso porque seus pais ainda estão em dúvida com relação a que tipo de escola devem confiar a educação de sua filha. Essa dúvida é muito mais comum do que se pensa. Cada vez mais escolas estão adotando métodos alternativos de ensino e, muitas vezes, a comunicação entre professores e coordenadores com as famílias é insuficiente, e estes não conseguem explicar claramente sua forma de trabalho.

Ao longo do século XX foram criadas e adaptadas novas concepções de ensino e aprendizagem. Essas teorias foram se espalhando pelo mundo e a ser utilizadas por muitos profissionais e entusiastas da educação. Em Florianópolis, pode-se encontrar facilmente escolas tradicionais, construtivistas, montessorianas, Waldorf, entre outras. Mas, na prática, o que esses nomes todos querem dizer como essas linhas pedagógicas podem beneficiar aos seus filhos?

Reprodução de conteúdos

Um dos métodos de ensino mais antigos ainda em uso, a linha tradicional ou reprodutivista de educação surgiu no século XIX, por influência do Iluminismo, que teve como um dos principais objetivos universalizar o conhecimento. O crescimento da demanda exigiu dos governos a rápida criação de novas salas de aula e a ampliação do quadro de professores. Para tanto, adotou-se um ensino baseado nos mesmos processos de fabricação – a reprodução do conhecimento. A proposta tradicional de ensino tem ênfase no conteúdo. Nela, o professor é visto como um “detentor” desse conteúdo, e deve transmiti-lo corretamente para o estudante. O aluno, por sua vez, é visto como um ser passivo no processo educacional. É um livro em branco, em que o professor vai escrever o que a criança deve saber.

O sistema de avaliação desta linha mede quantidade de informação absorvida. É o que explica a pedagoga Daniela Pecanhuk, orientadora educacional do Instituto Estadual de Educação. “É realizada uma prova com os conteúdos transmitidos até o momento, onde o aluno deve responder às questões, chegando a um resultado final correto. Esse método consiste na memorização e reprodução do conteúdo, através da repetição de exercícios.” Desde o início da formação o aluno é preparado para situações como o vestibular e outros concursos.

Devido a sua abordagem competitiva e pouco crítica, foi considerada por muitos ultrapassada, apesar de ainda hoje ter algum prestígio. Um dos maiores problemas desta linha pedagógica é que ela abordaria apenas o conteúdo, sem se preocupar em formar um ser humano melhor e mais consciente de seu papel na sociedade. Já seus defensores afirmam que não há como formar um aluno crítico e questionador sem que este tenha uma boa base de conhecimento.



Através de brincadeiras e jogos lúdicos, professores estimulam seus alunos a pensar por si e elaborar seu próprio raciocínio

Modelar o conhecimento

O construtivismo teve início entre os anos de 1950 e 1970. Sua origem vem principalmente de pesquisas genético-epistemológicas do biólogo suíço Jean Piaget. Sua teoria consiste em explicar a inteligência humana, partindo do princípio que o homem desenvolve seu próprio raciocínio, mas também reage aos estímulos externos, agindo sobre eles para construir e organizar seu pensamento de forma mais elaborada. As escolas que seguem esta linha partem dos conhecimentos que a criança traz consigo, fazendo com que estes sejam aprofundados e transformados ao longo do processo de aprendizagem.

De maneira geral, a sala de aula construtivista possui apenas um professor, que dá todas as matérias básicas para o ensino fundamental: matemática, português, ciências e integração social. Segundo a psicopedagoga e orientadora educacional do Colégio de Aplicação, Maria Elza de Oliveira Lima, “o professor não pode atuar como um dono do conhecimento, mas sim como um mediador entre este e o aluno, estimulando-o a raciocinar por si mesmo e chegar à resposta.” O aluno, por sua vez, é visto como um ser pensante, com uma bagagem de conhecimento que não deve ser substituído, mas modelado. Para Maria Elza o conteúdo é importante, mas o processo pelo qual o aluno chega a ele é o essencial.

No construtivismo não há notas, a avaliação é conceitual. Ao final do ano o aluno é considerado apto ou não apto para passar para a próxima série. O estudante, para ser aprovado, não tem que atingir um patamar, como uma nota, pois a avaliação se dá de acordo com sua evolução. Entretanto, isso gera dificuldades na transição

do estudante para o sistema tradicional, onde o aluno passa a ter notas.

Autonomia e responsabilidade

A partir de uma teoria científica do desenvolvimento infantil criada pela italiana Maria Montessori, surge esta linha pedagógica que ganhou maior espaço e visibilidade a partir da Primeira Guerra Mundial. Algumas das inovações e métodos trazidos pelo sistema montessoriano de educação são utilizados ainda hoje em escolas que não seguem necessariamente este método.

Para este método, é importante que o aluno desenvolva sentidos de autonomia e responsabilidade simultaneamente, tornando o ensino ativo, como explica a orientadora educacional do Centro Educacional Menino Jesus, Giane Inês Faust.

“O aluno tem uma quantidade de exercícios que ele tem que fazer, mas ele não é obrigado pelo professor a resolvê-los em determinado momento. O estudante pode escolher quando quer

fazer e se isso será com ou sem a ajuda do professor. A criança deve ter consciência de suas facilidades e dificuldades, para que consiga cumprir suas tarefas no espaço de dias determinado.”

Esta linha enfatiza as atividades sensoriais e motoras, combinando jogos com trabalho e outras atividades lúdicas. Certas práticas são constantes na educação montessoriana, como a realização de círculos durante as aulas e o uso de materiais que auxiliem o raciocínio. Nesta linha, o professor é visto como um guia, que localiza e

trabalha as dificuldades da criança e ajuda a remover os obstáculos.

Desenvolvimento em ciclos

A pedagogia Waldorf, criada em 1919 pelo filósofo croata Rudolf Steiner, tem seus fundamentos baseados na Antroposofia. Para este método é importante desenvolver tanto o aspecto físico quanto o espiritual simultaneamente, considerando as características e a faixa etária de cada um, buscando atingir a perfeita integração entre o corpo, a alma e o espírito.

Nesta linha a criança é vista como um indivíduo que já tem conceitos e experiências. Eles devem ser apenas desenvolvidos e modelados com a ajuda do professor. O aluno deve aprender de maneira livre, dentro do seu ritmo e possibilidade. Na sala de

aula os estudantes sentam em duplas, para que um possa ajudar o outro a se desenvolver. Crianças mais avançadas sentam com as menos, estimulando-as a se ajudarem.

Para as escolas Waldorf, o desenvolvimento acontece em ciclos de oito anos, divididos pela faixa etária dos alunos. Durante esse período um mesmo professor acompanha a turma dando todas as matérias básicas que a criança deve aprender. É o que explica Beatriz Carmolingo, educadora Waldorf da Escola Anabá. “Claro que o conteúdo é importante e deve ser passado, mas, nessa idade, o que o aluno precisa é de um conhecimento geral que mostre uma utilidade prática para o conteúdo e amplie sua visão de mundo.”

Traçar caminhos

Surgida no Brasil a partir da abertura política pós-ditadura militar, a teoria sócio-histórica de educação foi desenvolvida a partir dos estudos do médico russo Lev Vygotsky. É uma das linhas pedagógicas mais citadas e debatidas nas últimas décadas. Vygotsky fala da importância da relação indivíduo-sociedade, de como o mundo exterior influencia cada um, gerando oportunidades de aprendizado e desenvolvimento.

Um de seus conceitos mais importantes é o da Zona de Desenvolvimento Proximal, que define a distância entre o nível de desenvolvimento inicial, determinado pela capacidade de resolver um problema sem ajuda, e o nível de desenvolvimento potencial, representado pelo que a pessoa tem possibilidade de aprender, mas só vai conseguir com a orientação de outra pessoa. A partir disso, o professor pode traçar um plano de trabalho para fazer com que o aluno consiga atingir da melhor maneira possível este nível de desenvolvimento potencial.

O papel do professor também é muito importante nesta linha. Ele deve traçar caminhos para melhor aprendizagem e desenvolvimento de cada aluno, fazendo uso do conhecimento historicamente adquirido e transformando-o em algo útil para a vida da criança. A avaliação é conceitual e, para a teoria sócio-histórica, tão importante quanto o conteúdo, o estudante deve saber para que vai usá-lo.

Difícil escolha

Na hora de optar por uma escola para os filhos encontra-se ainda mais uma dificuldade: qual escola aplica qual teoria? Isso porque muitos colégios decidem por usar não apenas um método, mas sim combinar o que há de melhor entre eles, como explica a orientadora educacional Giane Inês Faust do Centro Educacional Menino Jesus. “É comum ver escolas montessorianas aplicando avaliações conceituais, escolas tradicionais fazendo jogos lúdicos e rodas, e por aí vai. Na verdade todos os métodos têm alguma vantagem que pode – e deve – ser aproveitada.”

Essa adaptação de métodos de ensino das escolas também se deve a uma necessidade. “Não adianta querer permanecer com uma mesma ideia se o mundo já pede outras práticas. O que se quer é o melhor para as crianças e, se isso significa transformar um método de ensino, acredito que vale a pena”, explica Giane.

Não se pode afirmar que um método de ensino é melhor ou pior que o outro, todos têm vantagens e desvantagens. Existem diferentes concepções de aprendizagem, e o importante é escolher aquela que mais se aproxime dos seus princípios. Deve-se avaliar o perfil da criança e ver qual escola traz mais sintonia entre sua proposta e as crenças de cada um.

“Na verdade todos os métodos de ensino têm alguma coisa que pode - e deve - ser aproveitada”

Hermano Buss

hermanobuss@gmail.com

Unidos pelo prazer de ser mulher

Cartunista Laerte assume que há dois anos pratica crossdress, hábito com mais de 400 pessoas adeptas no Brasil

Com uma pitada de humor e seriedade, praticantes do crossdressing ganharam um novo aliado na divulgação de seu costume. O cartunista Laerte Coutinho, famoso por tirinhas como Gato e gata, Piratas do Tietê e Aline, assumiu que pratica o *crossdressing* há mais de dois anos. Desde então, ele – que é heterossexual e tem namorada – adotou a aparência feminina. Usa vestidos, unhas compridas, maquiagem, cortou o cabelo ao estilo Chanel e pintou da cor vermelha, o que lhe dá a aparência de uma simpática senhora de 60 anos. No lançamento do novo livro *Muchacha*, declarou: “Estou no completo controle de minhas faculdades mentais”.

Mesmo sendo um tema espinhoso e nada popular, com a declaração de Laerte o *crossdressing* tornou-se um assunto com grande repercussão na internet e chamou atenção para a prática, que no Brasil reúne oficialmente mais de 400 pessoas. O termo se refere às pessoas que vestem roupas e objetos do sexo oposto por diversos motivos: para vivenciar uma faceta feminina ou masculina, por motivos profissionais ou para obter gratificação sexual.

Segundo o próprio Laerte, o praticante de CD, como também é chamado, é um “travesti classe média”, que não se veste por dinheiro e sim por prazer. Para a psicanalista e doutoranda na área, Eliane Kogut da USP, quem “se monta” não o faz por nenhuma relação com sexualidade, e sim com gênero. Não existe nenhuma relação com vestir-se de mulher e ser homossexual, a principal diferença é entre identidade de gênero e orientação sexual.

Questão de gênero

“Nunca vi um crossdressing homossexual, são todos homens de diversas idades, heterossexuais, muitos com esposa ou namorada que gostam de se vestir como mulher”, diz Eliane Kogut. É o caso de Laerte. Pai de dois filhos e numa relação heterossexual, o cartunista diz que a prática não tem relação com prazer sexual.

“São coisas independentes, autônomas, que nem o executivo e o legislativo. É um erro fazer essa mistura. Ah, está vestido de mulher, então é viado. Jogou bola, é macho. E eu que gostava de costurar e de jogar bola?”, declara Laerte. Vestir-se de mulher pode ser uma questão de identidade de gênero, onde a pessoa sente-se bem ao atribuir a si aspectos dos costumes do sexo oposto.

“As roupas não fazem ninguém ser mais homem ou mulher. É um estado de libertação talvez”, afirma Simone Ávila, pesquisadora do Núcleo de Estudos da Sexualidade e doutoranda Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC. “As pessoas transexuais



Famoso por tirinhas como Piratas do Tietê e Aline, Laerte agora se diz em uma nova fase: pintou as unhas, comprou vestido e cortou o cabelo estilo Chanel

entendem a modificação do seu corpo através de hormônios e cirurgias. O *crossdresser* é todo homem que por alguma razão gosta, deseja, ama, adora, e tem verdadeira loucura na prática da arte de se vestir como mulher, sem necessariamente ser homossexual”, conclui.

Já para a psicanalista Eliane Kogut, o *crossdressing* nasceu da necessidade de diferenciar o homem que gosta de se vestir de mulher por prazer e o travesti, que se veste por uma questão de orientação sexual, por dinheiro ou os dois. “Ainda hoje na nossa sociedade o travesti está associado à prostituição, o termo então significa uma ruptura com a visão tradicional do travesti de rua. Quem pratica o *crossdressing* são pessoas esclarecidas, longe desse estereótipo”.

Pelo prazer de ser mulher

O lema do *Brazilian Crossdresser Club* (BCC) é “existimos pelo prazer de ser mulher”. O clube tem mais de 400 filiados em todo o Brasil. Parte deles se reúne periodicamente em encontros e festas promovidas pelo BCC, e o restante são associados virtuais ou de “armário”, pessoas que escondem o *crossdressing* de amigos e familiares. O clube nasceu em 1997 com a finalidade de juntar e ajudar transgêneros e *crossdressers*, além de transexuais e travestis.

Hoje o clube reúne um grupo eclético, com associados de várias profissões. Um ajuda o outro no que pode. “Um grande número dos associados ajudam em suas áreas de profissão, dentre elas na psicologia”, afirma Cristina Camp, umas das diretoras do BCC.

Aos 45 anos, ela conta que se traveste de mulher desde os 20 anos “quando se deu conta de que não bastava apenas usar roupas e adereços femininos por alguns momentos”.

Natural de Porto Alegre, onde mora atualmente, Cristina trabalha com marketing e tem uma vida tranquila. No meio profissional se diz respeitada e acolhida. “Essa conquista foi um processo obtido ao longo do tempo e não de uma forma dolosa ou imposta”, afirma. “Eu vivo como uma mulher e a reação das pessoas que notam ou desconfiam de alguma coisa é de curiosidade, admiração e respeito.”

Mas nem sempre foi assim. Cristina conta que no início situações típicas do dia a dia, como viajar ou mostrar um documento, eram sinônimos de constrangimento. “Como fazer check in em hotéis e aeroportos, ou em fiscalizações de trânsito. Depois disso tudo se tornou costumeiro”, afirma, e lembra que nunca foi desrespeitada ou insultada por isso. “As pessoas até admiram minha coragem de assumir o que realmente sou sem culpas ou medos”.

Rei e astros

O meio artístico e intelectual está cheio de referências sobre pessoas de ambos os sexos que optaram por viver uma vida com outra identidade gênero. David Bowie, Brian Molko, Ney Matogrosso e Boy Georges são alguns deles. Há pouco tempo Cate Blanchett mostrou seu lado *crossdresser* ao interpretar Bob Dylan no filme *I'm not There*. A história também tem seus casos. Os motivos para se travestir são muitos: fuga da pobreza para

conseguir um bom emprego, espírito de aventura, para lutar em guerras; como fez Joana D'Arc.

Outro caso descoberto recentemente é o do rei Edward VIII da Inglaterra, que entrou para a história por ter abdicado ao trono em 1936, em nome do amor. Se permanecesse no poder, não poderia se casar com Wallis Simpson, com quem viveu até os últimos dias de sua vida. Só mais tarde é que se descobriu que Edward gostava de se travestir de mulher e participava de festas com amigos que partilhavam o mesmo desejo.



Cristina, da Brazilian Crossdresser Club



Rei da Inglaterra, Edward VIII, em festa com amigos igualmente montados

Cientistas são novos aliados da maconha

Manifesto pede a revisão do status da maconha no país e, pela primeira vez, cientistas se declaram pró-liberação

Diferente da rala discussão em torno da descriminalização do aborto, o debate sobre a legalização da maconha tem se mostrado bastante fértil nos últimos meses. Pela primeira vez cientistas brasileiros de renome internacional se manifestaram publicamente a favor da liberação da droga e, através de um manifesto, pediram a revisão do status da erva. A ideia central da declaração pública é de que os males causados pelo consumo individual é menor para a sociedade do que a atual política de proibição.

A referência para ambos os lados da discussão é um estudo publicado em janeiro desse ano no Reino Unido, o Cannabis Policy feito pela Fundação Beclkey, que vasculhou toda a literatura científica sobre o tema e traçou um panorama sobre o que foi comprovado. Mas no Brasil o ponto de partida foi a prisão, em julho deste ano, do músico da banda de reggae Ponto de Equilíbrio, Pedro Caetano, que foi pego com uma plantação de dez pés de maconha em sua casa em Niterói, Rio de Janeiro. O plantio lhe rendeu 14 dias de reclusão, período em que dividiu cela com 70 pessoas, até conseguir convencer a promotoria de que não se tratava de um traficante, mas apenas de um usuário.

Após saber da prisão do companheiro de banda, o baterista Lucas Rehen entrou em contato com seu irmão Stevens Rehen, professor de neurociência da Universidade Federal do Rio de Janeiro e um dos principais especialistas em células-tronco do país. Em parceria com os neurocientistas Sidarta Ribeiro, João R. Menezes e Juliana Pimenta, Stevens escreveu o manifesto que abriu as portas para a discussão a cerca da legalização da maconha no Brasil. O artigo ganhou visibilidade graças à grande influência de seus escritores no ramo da pesquisa sobre o assunto. Enquanto Ribeiro é professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e co-fundador do Instituto de Neurociência de Natal, os outros dois autores são diretores da Sociedade Brasileira de Neurociências e Comportamento.

Não demorou muito e uma resposta veio na forma de um artigo publicado no Jornal Folha de São Paulo, se contrapondo à visão dos pró-liberação. No texto intitulado "Maconha do Dom de Iludir", os psiquiatras Ronaldo Laranjeiras e Ana Cecília Marques citaram o estudo Cannabis Policy da Fundação Beclkey, alertando para os malefícios provocados pelo consumo da erva, mesmo que de forma recreativa. Em contrapartida, os neurocientistas, apesar de reconhecerem alguns danos à saúde, voltaram a defender o fim da proibição, sob o argumento de que a mudança na lei facilitaria o controle de danos e a regulação, como acontece com o álcool e tabaco.

Literatura científica

Apesar de ter caráter ilegal em quase todo o mundo, a maconha conquista cada vez mais usuários ao redor do planeta. Segundo o Cannabis Policy, em 2005, 4% da população adulta do mundo



Fotos: Divulgação



Fotos: Arquivo

Movimento "Maconheiras de Salto Alto" e o neurocientista Stevens Rehen, mudanças no estereótipo da maconha

Bons exemplos da liberação pelo mundo

Holanda

Descriminalização foi decretada em 1976, para porte até 30 gramas. Venda é limitada aos "coffee-shops" onde é proibida entrada de menores de idade.

Inglaterra

Desde 2002 é considerado como droga leve igual a anestésico e tranquilizantes, em 2006 havia 600 mil menos consumidores que 2003

Austrália

Desde 1985 os três principais já Estados descriminalizaram e o consumo não aumentou.

Portugal

Melhor exemplo, todo tipo de droga é descriminalizado faz 10 anos, quem é pego paga multa e vai para tratamento, caso seja dependente. Houve redução de consumo entre os mais jovens.

Argentina

Aprovou em 2009 a descriminalização.

Suíça

É bastante liberal, nos anos 90 criou um parque para consumo livre de drogas, o país trata o assunto como se saúde pública.

fez uso maconha com certa frequência, o que representa 160 milhões de usuários. Nos Estados Unidos a Pesquisa Nacional de Consumo de Drogas e Saúde revelou que entre 2002 e 2008, o número de usuários entre os americanos de 55 a 59 anos quase triplicou. Em 2008, 5,1% da população nesta faixa etária consumia a droga, sendo que seis anos mais cedo estes representavam apenas 1,6%.

O estudo Cannabis Policy feito pela Fundação Beclkey, da aristocrata britânica Amanda Feilding, revelou que apenas 9% dos usuários desenvolvem dependência química. Esta taxa é relativamente pequena se comparada com as drogas legalizadas, como tabaco (32%) e álcool (15%). Isso acontece devido ao fato de o princípio ativo da droga, o tetraidrocannabinol (ou THC), não ter grandes efeitos tóxicos sobre o organismo e suas funções vitais. Em toda literatura médica apenas dois casos de overdose por maconha foram registrados, e mesmo assim sem comprovação de relação com o THC.

Entre os males causados pelo uso frequente da maconha, estão a perda cognitiva, a queda de rendimento e o aumento da evasão escolar. Em pacientes com condições pré-existentes, são maiores também as chances de surtos psicóticos, esquizofrenia e infarto. Os resultados apontam um percentual de 16% de dependência química entre os adolescentes. Apesar disso, segundo o estudo, os danos sociais causados pela droga não são tão grandes como aqueles advindos do consumo de bebidas alcoólicas, comercializadas legalmente em todo o mundo.

Baseado nas pesquisas e nas comparações com as drogas já legalizadas (tabaco e álcool), Cannabis Policy pede a revisão do status da erva, banida em nível mundial desde a convenção sobre entorpecentes da ONU de 1961, e destaca a contribuição que uma possível regulação poderia gerar para a sociedade. "A criminalização não tem refreado o uso, enquanto que com um mercado regulado o produto poderia ser classificado de acordo com o quão forte ele for e de acordo com a sua composição química, tornando-o mais seguro", afirmou Amanda Feilding em nota na época do lançamento do estudo.

O especialista em dependência química do Departamento de Farmacologia da UFSC, Tadeu Lemos, é contrário a descriminalização. Ele acredita que o pela sua especificidade a política de proibição é ideal para o Brasil e que deveria apenas o consumo deveria ser consumo individual deveria deixar de ser crime, e não o tráfico. Segundo Lemos, a política de proibição já se mostrou eficiente em diversos casos. "Em Diadema, na grande São Paulo, o fechamento dos bares mais cedo, diminuiu a criminalidade. Isso é uma prova contundente, observada aqui no nosso país, de que restrição do acesso diminui riscos sim". Lemos lembra que o dependente químico não deveria ser tratado como criminoso, e sim como paciente.

De repente Califórnia

No Estado americano da Califórnia, um movimento incomum surgiu nos meses de campanha do plebiscito da pro-

posta 19, que elevaria a maconha ao nível do álcool e tabaco. Chamadas de stiletto stoners - ou "maconheiras de salto alto" -, empresárias, donas-de-casa e mães bem-sucedidas se engajaram na campanha pela aprovação da proposta, quebrando o estereótipo ligado ao usuário da droga.

"Ainda há essa ideia de que os defensores estão às margens da sociedade, mas esse não é o caso. A maconha é a coisa mais comum que existe, e essas mulheres são a prova", defende a analista de um banco de investimentos de Nova York - que prefere não ter seu nome revelado - em seu site Pot Couture, voltado para mulheres que fumam a erva.

Embora a proposta não tenha sido aprovada em plebiscito, o apoio político recebido foi maior do que em tentativas anteriores, e deve crescer ainda mais caso a proposta volte a ser emendada para votação popular em 2012. A questão principal é a contribuição que a regulamentação do mercado poderia dar à combatida economia californiana, que sofreu com a crise financeira de 2008 — a proposta começou a ganhar força e a ideia deixou de ser imoral para alguns. Números sugerem que pode chegar a U\$ 1,4 bilhão a arrecadação para os cofres públicos com a taxação do comércio da maconha.

A importância de tal discussão ganha força pelo peso que o Estado da Califórnia exerce sobre os demais, algo idêntico ao que ocorre em São Paulo com relação o Brasil. Caso a droga fosse liberada, a repercussão nos demais estados americanos seria muito grande e poderia abrir caminho para uma nova configuração. Aqui no Brasil a dis-

culção ainda é outra, já que especialistas apontam uma série de empecilhos, como a questão social e o preconceito.

Viagem brasileira

Para o historiador Francisco Carneiro, uma das grandes dificuldades da descriminalização e regulamentação do uso da droga é o preconceito. Autor de vários estudos sobre o tema, Carneiro, que é professor de História Moderna na USP, defende que as drogas fazem parte da cultura de todas as sociedades e que a proibição do consumo da maconha reflete preconceito histórico no Brasil e no mundo. "A proibição tem a ver com o interesse político concreto de se reprimir as populações pobres e permitir um pretexto de intervenção social", afirma.

No Brasil a proibição da erva só é mencionada explicitamente no código penal de 1936, sendo que antes havia apenas menção à proibição de substâncias venenosas. Aqui, a campanha contra a droga ganhou força depois que lei Seca foi instaurada nos Estados Unidos, dando origem às grandes máfias a partir da década de 30. Mas diferente de outros países, o combate ganhou ares de classe, tanto que no começo do século XX o presidente da província de Sergipe chegou a dizer que a maconha era a vingança do ex-escravos contra seus senhores, que agora os escravizava.

No início da República, a mesma inspetoria de entorpecentes, tóxicos, e mistificação, também combatia a umbanda, o esoterismo e o espiritismo. "Sempre houve uma ideia de droga negra, que relaciona a maconha com esses hábitos negros, não à tradição da elite que consome álcool sem grande condenação", afirma o professor Carneiro. "No Brasil, Gilberto Freyre, Mário de Andrade e o folclorista Alceu Maynard vão romper com o racismo e valorizar o papel da maconha na cultura negra".

Exemplos pelo mundo

Experiências positivas pelo mundo servem de exemplo para derrubar tabus. O melhor vem de Portugal, que em 2001 aprovou lei que descriminaliza o uso de qualquer droga e obteve redução no uso entre os mais jovens, além da diminuição no número de presos e o aumento da procura por serviços de tratamento. Quem é pego com quantidade de até dez doses recebe apenas uma multa e tem de se apresentar a uma comissão que avaliará se o usuário necessita ou não de tratamento.

Na Itália e Espanha também é tolerado o uso de pequenas quantidades de maconha. No Reino Unido, a erva é considerada uma droga leve como anestésico, tranquilizante e estimulante desde 2002 e dados do governo mostraram que, já em 2006, o consumo havia diminuído em 600.000 usuários na comparação com 2003.

Alex Sobral

alexjornalismoufsc@gmail.com



Do Golfo de Biafra à Roma

Por Flora Pereira

Deslizando o dedo indicador pela borda da taça de café, Dimeji encara o atendente do bar Caffè Tazza d'Oro. Está sentado do lado de fora, mas próximo o suficiente da porta de entrada para poder olhar com um quê de pena para o menino loiro e miúdo que há pouco tinha lhe servido um pingado com desdém. O garçom, lá de dentro, vira-se constantemente para os colegas de trabalho e, depois de elaborar algumas piadas sobre o negro de quase dois metros que o encara, solta risadas abafadas. Dimeji acende um cigarro, ele quase não fuma, mas guarda os cigarros que ganhou nas ruas para situações como esta. É a primeira vez que ele está sentado ali como cliente. Está um pouco nervoso e tem a aparência cansada, mas não teme a zombaria.

Dimeji acorda todo dia às 5h da manhã e alguns minutos depois se levanta do colchão, cuidadosamente posicionado no corredor entre os outros vinte e dois. Ele não precisa se trocar. Dorme vestido com a roupa que vai usar no dia seguinte, que é a mesma que usou no dia anterior: calça jeans desbotada, camiseta de mangas curtas com uma estampa de estilo *reggae* e moletom listrado vermelho e marrom. Apenas coloca o tênis, que estava guardado entre o colchão e a parede, faz fila para o vaso sanitário, para lavar o rosto, para pegar o café e por fim, para pegar a mercadoria: três dúzias de pares de meia, dez caixas de lenço de papel e alguns panos de cozinha. Ele não pega chaveiros do Coliseu ou do Vaticano, o seu trabalho não está em uma zona turística. Depois, são duas horas para chegar do Centro de Refugiados ao de Roma.

Em meio a prédios cinzentos e mal pintados, obras inacabadas e calçadas poeirentas está localizado o bar Caffè Tazza d'Oro, um cruzamento da Aveni-

da Ostiense, entre a segunda principal universidade de Roma e a prefeitura da região sul da cidade, um lugar que definitivamente não aparece nos cartões postais. É ali que Dimeji trabalha, tentando convencer laboriosamente os estudantes e trabalhadores a levarem um par de meias por um euro e meio, ou menos, se o cliente souber negociar. Ele ainda não conseguiu aprender muito bem o italiano, mas sabe lá umas 50 palavras. Explica que não tem jeito, ou fala ou não trabalha. Na Itália, ninguém fala inglês. Seus amigos lhe contaram que nos outros países não é assim, que os jovens 'lá', das França, Alemanha, são mais espertos e que por isso tem mais venda e é para 'lá' que ele vai. Quando não consegue fechar o negócio, ele arrisca pedir ao transeunte que lhe compre um café no Tazza d'Oro. Se Dimeji entra sozinho, disparam calorosamente e em alto volume, mas sem gritar, ofensas que ele ainda não entende. Não se sente acuado. Os italianos são muito preconceituosos, sabe? Aqui ele tá só dando um tempo, logo mais parte pra 'lá'. É 'lá' que deve ser bom.

A taça está vazia e Dimeji se levanta. É horário de saída da universidade e ele tem que voltar ao trabalho. Até agora só conseguiu vender uma caixa de lenços para um funcionário da prefeitura que passou com renite atacada, mas que pagou bem pelo produto, três euros.

- Já vai embora, *tizio*? Não quer um *cappuccino* também? - Pergunta o garçom, tentando impressionar os colegas.

Dimeji sorri e não responde. Mas o garçom insiste. Desta vez com a voz mais baixa, já não tão seguro de que está fazendo uma boa piada e quase que falando para si mesmo, arrisca:

- E como está o trabalho, está vendendo ou vai ter que voltar pra África?

- Sim, sim. Vou voltar logo, logo, assim que você crescer.

O miúdo, diante daquele quase David de ébano e da risada alta dos amigos, parece diminuir ainda mais até desaparecer por trás do balcão. Dimeji parece não se importar. Ele espalha os pares de meia em um dos braços compridos, e os panos de cozinha no outro. Com as mãos, segura duas sacolas sobrecarregadas de caixas de lenços. Os primeiros três transeuntes passam reto. O quarto desvia. Ele vai atrás dele, quase que exercendo uma estratégia tática. Não consegue vender nada, mas volta com um euro e algumas moedas de cinco centavos. Os que desviam, geralmente é porque não sabem dizer não. A quinta pessoa a passar é uma estudante de intercâmbio russa. Ela tira o fone de ouvido e para, para escutar o que o vendedor tem a dizer. A primeira tentativa dele é em italiano, mas ela não entende. Dimeji arrisca sem esperança começar uma conversa em inglês e é surpreendido pelo domínio da língua impecável da garota:

- Quanto custa um par?

- Dois euros, mas pra você eu faço por um e cinquenta.

- Então eu quero dois.

Enquanto ele separa os pares mais bonitos para escolha da cliente, ela puxa papo:

- De onde você é?

- Nigéria. E você? Você não é italiana, né? Sabe até falar inglês. Quer essa ou essa?

- Não, eu sou russa. De onde você é da Nigéria? Essa daqui é bonita, pode ser.

Dimeji se assusta com a pergunta, que não é nada cotidiana, e responde desconfiado.

- Sou de Port Harcourt. Não quer levar um pano de prato também?

- Não, não. Obrigada. Mas então você é de Biafra? E Igbo, certo?

Os olhos dele se arregalam. Era a primeira vez que alguém tão distante

sabia sua história. Membro da comunidade Igbo, que representa 18% da população nigeriana, ele fugiu há dois anos de Port Harcourt, cidade que um dia fez parte da não duradoura Biafra, hoje novamente Nigéria. Dimeji perdeu alguns de seus familiares no massacre aos Ibos em 1969, que aniquilou um milhão de pessoas. Para ele, a perseguição étnica não é verdadeira razão, *you know*? Eles querem mesmo é o petróleo da região. É uma das mais ricas, se não a mais rica do mundo, *you know*? Todo mundo quer um pedaço, principalmente os americanos, que nunca reconheceram a independência de Biafra.

A sua jornada até a Itália começou com um telefonema. Um amigo ligou para ele e aos berros falou para ele fugir o mais rápido possível. Que corresse dali naquele segundo porque a polícia estava chegando. E que não voltasse mais para a casa. Ele juntou os 700 nairias que tinha (cerca de 80 reais) e por caminhos tortuosos chegou a Agadez, em Niger. E dali, o maior desafio (antes da Itália, claro): atravessar o deserto do Sahara com um camelo para chegar à Líbia e de lá embarcar para Itália. Ele não estava sozinho, viajou com quatro companheiros Tuaregs. Um deles, a cada duas horas repetia:

- Deus criou os países ricos em água para que os homens neles vivessem, e criou o deserto para que ali os homens encontrassem a própria alma.

Dimeji ficava calado, mas para ele era um inferno aquela repetição. Não que ele não acreditasse em Deus, longe disso. É católico e convicto. Mas que se danasse a esperança falsa e qualquer outro dito popular ou passagem da Bíblia que tentasse justificar aquela situação. Irritado ou não, ele conseguiu atravessar o deserto. Chegou a Trípoli e de lá pegou um barco para Itália. Mas, olha, se tivesse feito o mesmo percurso alguns meses depois, não teria conseguido embarcar. E isso por causa

das novas leis impostas por aquele interesseiro do Al-Gaddafi, ah sim, só pode ser um interesseiro. Que sentido tem proibir refugiados de entrar em barcos?

Ele solta uma gargalhada e abre um sorriso demorado para responder à menina russa, que está olhando impacientemente para ele:

- *Yeah, girl!!!* Como é que você sabe tudo isso?

- Eu li alguns autores nigerianos e minha cantora favorita é Ibo. Asha, você conhece?

Um pouco desapontado por não conhecer, ele responde que não.

- Peraí, é essa daqui, ó. Eu tava ouvindo agora mesmo.

Pega o seu fone de ouvido e dá para Dimeji escutar.

- Você entende o que ela diz?

Sem perder a empolgação, ele diz:

- Entendo sim, mas esta não é a língua Ibo, é Iorubá. Ela tá falando de paz.

A menina não tem tempo para ficar sem graça pelo erro. Dimeji está dançando ao som da música que ela tinha lhe dado para ouvir. Ele balança um pouco pra lá e pra cá de olhos fechados com toda a ginga de um africano e ela, mesmo um pouco envergonhada, acompanha, com toda a ginga de uma russa. Alguns segundos depois, os dois param. Ainda com o ritmo Iorubá no corpo, ela paga a compra.

- Olha, você que gosta de música nigeriana que fala de paz, vai adorar esse cantor. Ele é o melhor cantor nigeriano de todos os tempos e ele entendeu a alma do nosso povo. - Responde empolgado, enquanto pega os trocados.

- Ah é? Quem?

- Marley. Bob Marley. Conhece?

Ela prefere não contrariar. Sorri, acena que sim com a cabeça e se despede. Dimeji continua em frente ao Caffè Tazza D'Oro até às 21h30, hora de pegar o último trem para a casa.

Os mortos-vivos que nunca morreram

Fenômeno dos *mashups* literários mistura elementos da cultura pop aos cânones literários e provoca a crítica

Inglaterra, início do século XIX. A chegada de um rico forasteiro na pequena cidade atrai a atenção de todos. O principal aristocrata, dono de imensas propriedades rurais mostra interesse: seria esse um bom partido para casar com uma de suas cinco filhas. A trama é ambientada do ponto de vista de uma delas, que vê todos esses costumes, a cultura e a moral da sociedade na época, de maneira crítica e irônica. Sem esperar, ela acaba por se apaixonar pelo visitante. Mas algo pode ameaçar o amor dos dois jovens: uma horda de mortos-vivos sedentos por cérebros cerca a cidade! E essa epidemia também começava a se espalhar pelo mundo.

Uma trama de época misturada com fantasia, terror e cultura pop. A expressão em inglês para isso é *mashup*: a combinação de dois elementos distintos que resultam em um produto, uma obra nova. Foi essa palavra que permitiu que Jane Austen, autora de *Orgulho e Preconceito*, obra clássica da literatura inglesa, que narra os costumes da aristocracia pré-vitoriana, fizesse uma "parceria" com Seth Grahame-Smith, roteirista e produtor de cinema e TV. O livro *Orgulho e Preconceito e Zumbis*, uma co-autoria dos dois escritores, lançado em abril de 2009 pela editora Quirk Books, ficou durante 38 semanas na lista dos mais vendidos do *New York Times*.

Mas não se assuste: Jane Austen, falecida há 193 anos, diferentemente dos novos personagens, não precisou se levantar do túmulo. O que a possibilitou de "trabalhar" com Grahame-Smith foi o fato de sua obra estar em domínio público. Nos Estados Unidos, a lei determina o cancelamento dos direitos autorais depois de 70 anos da morte do autor. Isso permitiu Grahame-Smith levar os zumbis e ninjas para a cidade fictícia de Meryton, onde se passa *Orgulho e Preconceito*.

Em entrevistas, o autor afirma que o livro é 85% de texto original e 15% de zumbis. "Eu não quis mexer com a estrutura global de Jane Austen, pois é uma obra prima. Quem sou eu pra bagunçar uma das mais brilhantes novelas de todos os tempos?", diz Grahame-Smith para a revista *Time*. Já no site da *Entertainment Weekly*, ele explicou a escolha do tema: "Quando você dá uma olhada no livro original, é quase como se, subconscientemente, Jane Austen tivesse traçado o pano de fundo perfeito para que aconteça um massacre ultraviolento de zumbis". A partir disso que ele desenvolveu o método, de analisar a obra e anotar os pontos onde as novas cenas seriam acrescentadas, tomando cuidado para não prejudicar a coerência da trama.

O responsável pelo fenômeno foi o Jason Rekulak, da Quirk Books. A ideia surgiu a partir de múltiplos exemplos de violações de direitos autorais na internet, como vídeos no Youtube. "Quando começamos a criar esses livros, muitas pessoas com quem conversamos pareceram



Divulgação



Divulgação

Grahame-Smith (topo) e Manfredi: tiveram a honra de "trabalhar" com os melhores escritores

incertas sobre o que o público poderia achar. Eles sentiam que os fãs de Jane Austen poderiam não gostar de zumbis, e que os fãs do horror [gênero] não gostariam dos elementos de Austen", conta Rekulak para o site americano *AskMen*.

Com o sucesso de *Orgulho e Preconceito e Zumbis*, Hollywood está agora cogitando uma adaptação para o cinema. A editora criou a coleção Quirk Classics, que reúne outros *mashups* de obras clássicas. A obra de Grahame-Smith ganhou um prelúdio, uma edição especial com prefácio do autor, ilustrações e 30% mais zumbis e uma *graphic novel*. Outro escritor, Ben H. Winters, também se juntou à Jane Austen para escrever *Razão e Sensibilidade e Monstros marinhos*, e com o russo León Tolstói em *Android Karenina*, obviamente, a releitura de *Anna Karenina*. Seth Grahame-Smith escreveu outro *mashup*, dessa vez explorando a vida de uma importante personalidade: *Abraham Lincoln Caçador de Vampiros*.

No Brasil

Como não poderia deixar de ser, embalado pelo sucesso editorial mundo afora, o fenômeno dos *mashups* também invadiu as páginas dos clássicos brasileiros. Um ano e meio depois do lançamento da obra anglo-americana, os personagens de Machado de Assis, José de Alencar e Bernardo Guimarães agora se relacionam com alienígenas, andróides, mutantes, vampiros e outras criaturas.

Nosso maior escritor é o campeão em releituras. O autor Pedro Vieira imaginou uma continuação para a história de Brás Cubas: o morto decide levantar do túmulo e errar pelo Rio de Janeiro. *Memórias Desmortas de Brás Cubas* saiu pela Tarja

Editorial. Mas quem ficou realmente eufórica com o fenômeno foi a editora Leya que, pelo selo Lua de Papel, lançou logo de cara quatro obras: *Dom Casmurro e os Discos Voadores*, de Lucio Manfredi; *O Alienista Caçador de Mutantes*, de Natalia Klein; *Senhora, a bruxa*, de Angélica Lopes; e *Escrava Isaura e o Vampiro*, assinado por Jovane Nunes. Lembrando que assim como nos Estados Unidos, aqui no Brasil as obras entram em domínio público 70 anos após a morte do autor.

O editor Pedro Almeida, idealizador da coleção Clássicos Fantásticos, conta que, a princípio, torceu o nariz para *Orgulho e Preconceito e Zumbis*, mas logo depois viu que poderia adaptar a ideia para a literatura brasileira: "Revisitando os [os clássicos], poderia fazer muita gente que os leu por pressão escolar, saborear as histórias, agora sem a linguagem da época e com elementos fantásticos em suas tramas". Escolheu então quatro roteiristas de TV relacionados ao humor, no que pesou o critério da agilidade na escrita.

Diferenças

O co-autor de *Dom Casmurro e os Discos Voadores*, Lucio Manfredi, explica que os livros da série Clássicos Fantásticos não são *mashups*, e sim recriações dos clássicos com elementos fantásticos. Isso se dá pelo fato dele ter optado por inverter a proporção com que Grahame-Smith trabalhou: sua obra contém 20% de Machado de Assis, e 80% de Lucio Manfredi. "Pra fazer essa mistura funcionar, eu tive que reescrever o texto para acomodar a nova premissa. Mas, exceto pelo final, o enredo é essencialmente o mesmo de *Dom Casmurro*. Só muda o significado

dos episódios".

Nessa outra história, além da traição de Capitu, Bentinho questiona também se os outros personagens são mesmo deste mundo e de carne-e-osso. "Os elementos de ficção científica acabaram adquirindo um sentido metafórico. Os alienígenas da obra simbolizam as forças contrárias que dividem a alma do Bentinho, e essa divisão já estava no livro do Machado, o que eu fiz foi explicitá-la por meio de imagens concretas", explica Manfredi. Para alívio dos puristas, ele manteve a descrição dos olhos de rêsaca de Capitu.

Críticas

Em sua coluna na revista *Época*, Luís Antônio Giron considera os quatro jovens autores da coleção Clássicos Fantásticos como os "responsáveis por atacar, rapinar e destruir a memória literária brasileira". Sua crítica às releituras é dura, chegando a classificar as obras como "ultraje a literatura nacional" e o trabalho da editora Leya de "crime de lesa-literatura". Giron já considera o estilo *mashup* um perigo inevitável: "Minha preocupação é que os livros originais estejam inexoravelmente arruinados pelo contágio dos *mashups* — e que estes passem a ser adotados nas escolas e universidades com o objetivo de reacender o interesse dos jovens na leitura".

O diretor executivo da Editora UFSC, Sérgio Medeiros, vê de outra forma. Seguindo ele, diferentemente das outras artes, apenas a literatura mantém os clássicos como monumento. Cita, como exemplo de *mashup* nas artes plásticas, o bigode que Duchamp pôs na *Monalisa*. Também fala da ilusão da preservação do texto original em obras literárias: "muitas vezes o editor mexe tanto no texto que mereceria se tornar co-autor". Medeiros também explica que a prática não pode ser considerada uma exploração editorial, já que os próprios clássicos em domínio público são constantemente relançados.

Contrapondo-se à crítica, Pedro Almeida defende a sua ideia: "Considero que sacralizar os livros é o que distancia a literatura das pessoas". Também considera "bobagem" a ameaça das releituras aos clássicos: "Esse tipo de crítica trata leitores como gente ignorante, capaz de confundir a obra original com a paródia, ou crê que o público pode gostar mais de ler as novas versões e que isto traga um prejuízo imenso".

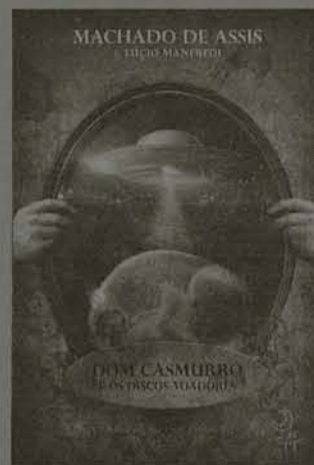
Lucio Manfredi usou as mesmas palavras de Almeida para o temor de Giron, e cita Ítalo Calvino, que definiu um clássico como uma obra que está sempre aberta a novas leituras e interpretações. Para ele, Machado de Assis não vai precisar levantar do túmulo para defender sua obra: "É ridículo sugerir que alguém vai deixar de ler Machado de Assis por causa de Lúcio Manfredi".

Tomás M. Petersen
tomasmmpetersen@gmail.com

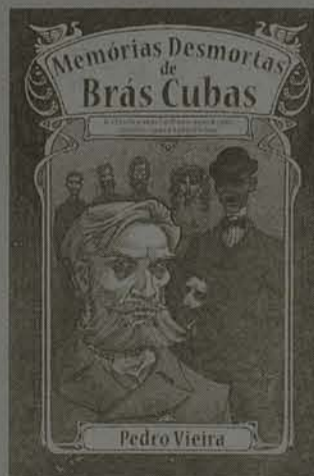
Estante



Orgulho e Preconceito e Zumbis
Jane Austen e Seth Grahame-Smith
Editora Intrínseca
320 páginas
Preço: R\$ 29,90



Dom Casmurro e os discos voadores
Machado de Assis e Lucio Manfredi
Editora Leya
264 páginas
Preço: R\$ 26,90



Memórias desmortas de Brás Cubas
Machado de Assis e Pedro Vieira
Tarja Editorial
144 páginas
Preço: R\$ 24,90

Tatuagens sem tabus

Outrora associada a marginais e ex-presidiários, nem sempre a arte feita no próprio corpo foi bem vista. Os amantes de *body modification* tiveram que enfrentar diversos preconceitos - seja no mercado de trabalho, na família, ou mesmo entre amigos.

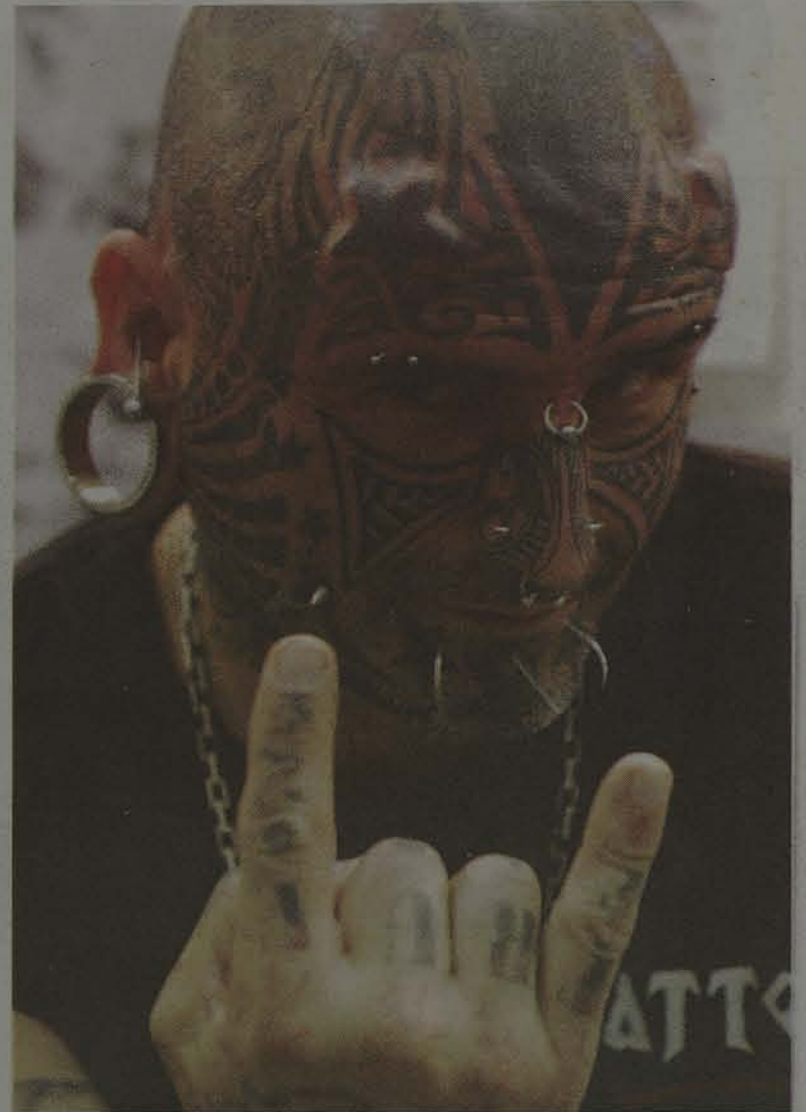
Hoje, entretanto, não é raro encontrarmos indivíduos com tatuagens ou piercings. Pelo contrário, cada vez mais pessoas, das mais variadas tribos e estilos, estão perdendo o medo da agulha e dos olhares preconceituosos.

Entre os dias 15 e 17 de outubro, mais de 8 mil pessoas se reuniram na cidade de São José, durante a convenção Tattoo

Pro 2010. Entre eles, tatuadores, motociclistas, professores, catarinenses, gaúchos, ingleses e argentinos, todos exibindo suas tatuagens.

Em sua quarta edição, a convenção contou com 76 estandes e mais de 100 estúdios de tatuagens. Mais de mil pessoas foram tatuadas lá mesmo, em frente aos olhos curiosos, enquanto aconteciam shows, concursos de tatuagens e o tão aguardado *Miss Tattoo 2010*.

Texto e fotos por Camila Raposo
cami.raposo@gmail.com



ZERO